

Ensino secundário: duas populações, duas escolas (I)

I. CARACTERÍSTICAS SOCIAIS DE ALUNOS DO ENSINO LICEAL E DO ENSINO TÉCNICO

1. INTRODUÇÃO

Integrado no âmbito do objecto de análise de um estudo exploratório, para o qual a recolha de informação se efectuou em Julho de 1975¹, surge agora este primeiro trabalho, cuja publicação autonomizada nos pareceu útil, dado o quase total desconhecimento sobre as características sociais comparadas das populações escolares dos ensinos técnico e liceal, traduzidas em elementos quantitativos comprováveis.

Faz já parte de certos discursos de intervenção (em artigos de jornal, em posições assumidas por forças políticas, etc.) mais ou menos elaborados, bem como de medidas administrativas reformadoras do ensino secundário, a noção de que as diferenças entre os dois ramos de ensino, de idêntico grau formal — o liceal e o técnico —, se não justificam, como certas ideologias pedagógicas pretendiam (e pretendem) fazer crer, por razões de mera racionalidade, na lógica da necessidade de canalização de diferentes aptidões individuais ou pelas inelutáveis exigências da divisão «técnica» do trabalho na sociedade, garantidos que assim seriam o evitar dos desperdícios decorrentes dos efeitos de ilusórias e enganosas orientações «vocacionais», bem como o preenchimento regular dos lugares das «especialidades» que mutuamente se complementam.

É já banalidade afirmar que ensino liceal e ensino técnico, na sua formal igualdade², mas nas suas efectivas diferenças, são, de facto, dois ensinos, correspondendo a percursos escolares cuja duração e destino, em termos de futuro profissional, se contrapõem, frequentados por duas populações cujas origens sociais as diferenciam. Em resumo, constituem duas escolas separadas, duas escolas de classe, quer pelo seu recrutamento,

¹ Sobre as condições formais, metodológicas e técnicas, de realização do estudo consulte-se o anexo que acompanhará a parte II deste artigo, a publicar num dos próximos números de *Análise Social*.

² Igualdade formal que se tentou reforçar com a criação do ciclo preparatório e a aplicação a ambos os ramos da mesma estrutura de divisão em o curso geral de três anos e o complementar de dois, em 1968.

quer pelas saídas que determinam a ocupação de diferentes lugares na divisão social do trabalho.

Acontece, porém, que tais afirmações se referem indirectamente, no melhor dos casos, a traços elementares de certas teorias da sociologia da educação, já testados na análise de situações concretas de outros países. Quando se fazem referindo-se ao caso de Portugal, só muito raramente vêm apoiadas em algo mais do que impressões, observações dispersas, não controladas, resultado da «experiência» directa de professores e pedagogos preocupados com a eficiência pedagógica e o significado social das suas práticas profissionais.

Se sobre o ensino superior existe pelo menos um certo número significativo de estudos em que, num notável esforço de imaginação sociológica teoricamente referenciável, se articulam os elementos da não muito rica informação disponível (e hoje já, em larga parte, desactualizada) e nos quais se avançam resultados de importância para o conhecimento das funções sociais e de alguns mecanismos de funcionamento desse grau de ensino; se, relativamente ao ensino primário, foram sendo publicados uns poucos trabalhos que em terra erma alguma coisa fizeram surgir, no que se refere ao ensino secundário o panorama é ainda mais pobre.

À parte dois artigos publicados na *Análise Social*, um deles caracterizando as populações escolares do liceu e da escola técnica de Évora e o outro sobre os comportamentos culturais de alunos de liceu, utilizando igualmente informação sobre as origens sociais dos inquiridos³, o que tem sido publicado sobre o ensino secundário recorre fundamentalmente a dados estatísticos oficiais.

A total ausência de informação relativa a indicadores sociais, mesmo os mais indispensáveis, torna esses trabalhos difíceis e penosos. De facto, não dispondo de informação recolhida sistematicamente sobre, pelo menos, a origem social dos alunos, sem dispor da distribuição da população dos grupos etários que interessam à frequência escolar por categorias socio-profissionais de origem, como dar os primeiros passos neste terreno da sociologia da educação, que só se vê dotada do seu objecto próprio quando «se constitui como ciência das relações entre a reprodução cultural e a reprodução social, isto é, quando se esforça por estabelecer qual a contribuição que o sistema de ensino traz à reprodução da estrutura das relações de força e das relações simbólicas entre as classes [...]»?⁴

1.1 Afirmar que o objecto da sociologia da educação se constitui quando o sistema de ensino, na complexidade dos seus graus e das suas vias, é articulado à estrutura das relações entre as classes e estratos sociais, através da contribuição que o primeiro traz à reprodução desta última, não significa, muito pelo contrário, dizer que esta relação se estabelece directamente, através de indicadores empíricos, aparentemente tão próximos do real como parece ser o caso das veementes, mas muitas vezes «ingénuas», denúncias das funções de conservação social cumpridas pelo sistema de ensino.

³ Vítor Ângelo, «O ensino discriminatório: liceu e escola técnica — resultados de um inquérito», in *Análise Social*, n.º 44, vol. xi, 1975, pp. 576-629. Maria de Lourdes Lima dos Santos, «Jovens portugueses numa sociedade em mudança. De um inquérito a alunos liceais», in *Análise Social*, n.º 44, vol. xi, 1975, pp. 630-689.

⁴ Pierre Bourdieu, «Reproduction culturelle et reproduction sociale», in *Informations sur les sciences sociales*, 10, 2, 1971, pp. 45-79.

De facto, determinar concretamente essa relação implica a construção de espaços teóricos específicos, para além das zonas referentes ao sistema de ensino e à estrutura das relações entre classes e estratos sociais, que sirvam de mediação entre essas duas formas estruturais extremas.

Conforme Pierre Bourdieu esclarece: «Romper com o atomismo substancialista sem ir ao ponto, como certos estruturalistas fazem, de transformar os agentes em meros 'suportes' de estruturas investidas do poder, mais que misterioso, de determinar outras estruturas é constituir como objecto as leis segundo as quais as estruturas tendem a reproduzir-se, produzindo os agentes dotados do sistema de disposições capaz de engendrar práticas adaptadas às estruturas, contribuindo assim para a reprodução das estruturas.»⁵

Adoptar, pois, esta perspectiva teórica sobre o sistema de ensino implica o desenvolvimento de «investigações [...] que não podem, evidentemente, limitar-se ao estudo das instituições e das populações escolares»⁶, isto é, investigações que, tendo por detrás de si a contribuição de inúmeros estudos de menor complexidade, se orientam para a análise das condições sociais e dos mecanismos institucionais do real cumprimento das funções de reprodução cultural e de reprodução social conferidas ao sistema de ensino⁷.

Por aqui bem podemos ver como, no que se refere a análises concretas sobre o caso português, tão longe estamos de dispor da investigação de base necessária à elaboração de estudos de mais largo alcance teórico.

Quando até a informação indispensável à realização de trabalhos de carácter mais descritivo nos falta, vemo-nos obrigados a um caminhar muito lento, no qual, de início, serão os próprios investigadores a ter de produzir a totalidade dos «dados» de que necessitam, lutando contra toda a espécie de obstáculos (dificuldades do financiamento, escasso número de investigadores, etc.), cujos efeitos não deixarão de se fazer sentir na qualidade, quantidade e extensão dos dados obtidos.

Eis porque, tendo nós produzido informação relativa às características sociais de populações escolares de liceus e escolas técnicas (elementos colhidos numa área restrita e infelizmente não extrapoláveis para o universo dentro de níveis mínimos de confiança, os quais, apesar disso, não deixam de ter interesse, até porque convergem com resultados obtidos noutra estudo parcial já citado⁸) e tendo em conta a quase completa inexistência de dados semelhantes publicados, decidimos elaborar nesta primeira parte do trabalho a comparação entre as duas populações inquiridas.

1.2 A análise que pretendemos fazer, ao empreender o estudo exploratório que referimos, coloca-se a um nível intermédio de elaboração, correspondendo ao estado precário de desenvolvimento em que se encontra

⁵ P. Bourdieu, *op. cit.*, p. 46.

⁶ *État des Recherches*, relatório das actividades do Centro de Sociologia Europeia, Paris, 1972, p. 12.

⁷ Resultado de inúmeros trabalhos realizados sobre o sistema de ensino em França, sob a direcção de P. Bourdieu, no Centre de Sociologie Européenne, é a obra de P. Bourdieu e J.-C. Passeron *La Reproduction. Éléments pour une théorie du système d'enseignement*, Paris, Minuit, 1970, que é, a nosso conhecimento, a primeira formulação teórica sistemática sobre as funções sociais dos sistemas de ensino.

⁸ Ver nota 3.

em Portugal a investigação sociológica sobre o sistema escolar, nomeadamente no que se refere ao carácter de segregação social inscrito na sua própria estrutura, o qual se mostra com bastante nitidez no grau secundário, quando ainda se apresenta com as suas duas vias de ensino, liceal e técnico.

O nosso interesse não se centra, pois, exclusivamente na simples análise da composição social das duas populações, ainda que esse seja um dos meios prévios de aproximação da análise sociológica da escola.

Longe ainda de podermos analisar e estabelecer as formas pelas quais o ensino secundário, na sua dualidade, manifesta e realiza a ligação ao sistema das relações entre as classes e estratos sociais, contribuindo para a sua reprodução, através da distribuição que faz dos seus produtos⁹ nos diferentes lugares da divisão social do trabalho, o nosso objectivo é o de analisar como as diferenças de origem social dos alunos (à partida, em situação de desigualdade perante as exigências da escola) se retraduzem em diferenças relativas às situações escolares, retradução que é efeito do próprio funcionamento da escola, através dos processos de selecção que acciona¹⁰.

Estrutura de idades referidas aos diversos momentos do percurso escolar, incluindo a idade de entrada para a 1.ª classe do ensino primário, resultados escolares, número de reprovações, frequência de ensino pré-primário, tipos de percurso escolar anterior, perspectivas de continuidade de estudos até ao ensino superior são alguns dos indicadores utilizados ao tentar fazer a análise dum dos processos através dos quais a escola, pelas suas formas de selecção, transforma desigualdades sociais em desigualdades escolares (que, na sua lógica, são lidos como desigualdades de dons e aptidões naturais), contribuindo assim para, de alguma maneira, justificar as primeiras.

É claro que os meios de percepção das desigualdades existentes entre os dois ramos de ensino se não limitam a este tipo de elementos. Indispensável é prosseguir na análise das diferenças de *curricula*, do conteúdo programático entre cadeiras que no liceu e nas escolas técnicas têm o mesmo nome (por exemplo, Português, Francês, Filosofia, etc.), da especificidade das orientações pedagógicas destinadas a uma e a outra escola, da diferente composição, quanto à origem social e ao nível de habilitações, dos dois corpos docentes, dos diferentes destinos profissionais a que conduzem os dois percursos escolares — o técnico, uma saída rápida para o mercado de trabalho para profissões menos prestigiadas que aquelas a que, a partir do liceu, o prosseguimento no sistema de ensino até ao término do ensino superior virá a dar acesso.

Pelo que acima se diz, é fácil entender que a análise da desigualdade que se pretende fazer se desdobra em dois sentidos que, no entanto, são inter-

⁹ Produtos que são agentes exactamente «dotados dos sistemas de disposições capazes de engendrar práticas, etc.». Ver nota 5.

¹⁰ Em vez das múltiplas referências que podiam ser feitas a análises críticas da desigualdade *perante a escola*, as quais, na maior parte dos casos, colocam os factores dessa desigualdade no exterior da escola, remetemos antes para análises que se centram nas funções específicas da escola como produtora da desigualdade, a partir da perspectiva da sua ligação ao sistema social global, nomeadamente a da sua contribuição para a reprodução da estrutura de relações entre as classes. Ver P. Bourdieu e J.-C. Passeron, *Les héritiers*, Paris, Minuit, 1965, e *La reproduction*, cit., assim como Ch. Baudelot e R. Establet, *L'école capitaliste en France*, Paris, Maspéro, 1971.

dependentes. Por um lado, trata-se de observar as desigualdades na escola ¹¹ decorrentes das diferenças das origens de classe dos alunos; por outro, trata-se de determinar para as duas escolas, a partir das suas características sociais e escolares, qual o lugar específico que cada uma delas ocupa na estrutura do sistema de ensino secundário e que faz que nelas se desenvolvam dois processos diferentes, mas convergentes, de distribuição de capital cultural, de inculcação ideológica, forma pela qual ambas contribuem para a reprodução das relações entre as classes e estratos sociais, quer como relações de poder económico e político, quer como relação de poder simbólico ¹².

2. A ANÁLISE DA COMPOSIÇÃO SOCIAL DE DUAS POPULAÇÕES

Ao autonomizar num estudo à parte a análise das características sociais da população discente dos ensinos liceal e técnico, operamos uma transformação no estatuto com que o conjunto das variáveis utilizadas se apresenta no estudo central a publicar posteriormente. Aí, a caracterização das condições sociais funciona como variável independente, enquanto neste trabalho ela é o próprio objecto de análise. Assim, trata-se aqui de descrever-comparar as estruturas das populações inquiridas no que respeita aos vários indicadores utilizados ¹³.

Por outro lado, certas relações que seria de todo o interesse determinar — como, por exemplo, a que se refere às probabilidades socialmente desiguais de estar escolarizado ou não no ensino secundário ¹⁴ e, dentro deste, a probabilidade condicional de estar no liceu ou na escola técnica, em função das origens sociais — não nos são acessíveis. Não existe disponível, como já referimos, a informação, ao nível da população global, respeitante à composição segundo a origem social de cada grupo etário. É-nos, portanto, difícil, a não ser de forma indirecta, avaliar em justos termos as diferentes composições sociais dos alunos do liceu e do ensino técnico que inquirimos e tirar conclusões seguras para o conjunto da população escolar do ensino secundário.

Daí o recurso à análise comparativa das situações nos dois ramos, no caso da origem social estabelecida na base da categoria socioprofissional

¹¹ Na escola, tanto pode apontar para a observação das diferenças entre alunos de diversas origens sociais na mesma escola, como referir-se às desigualdades entre as populações escolares dos dois ramos de ensino.

¹² Ver, a este propósito, os trabalhos de P. Bourdieu e J.-C. Passeron, bem como, a propósito da noção de *escola dividida*, as obras de Baudelot e Establet *L'école capitaliste en France*, Paris, Maspéro, 1971, e *L'école primaire divise*, Paris, Maspéro, 1975.

¹³ Não é de mais insistir em que a forma de constituição da amostra nos não permite considerá-la como representativa do universo relativamente a alguns indicadores importantes. O sexo é um dos indicadores não representativos, pois tivemos oportunidade de comparar a composição por sexos da amostra com a composição do universo em cada um dos ramos. Da mesma forma, a distribuição dos alunos pelos dois ramos de ensino apresenta uma percentagem de alunos do ensino técnico superior à do universo. No que respeita à estrutura de composição por estratos socioprofissionais, ela converge com os resultados obtidos por Vítor Angelo no estudo, já referido, que efectuou sobre a frequência dos ensinos liceal e técnico na cidade de Évora, o que nos leva, apesar de tudo, a utilizar essa informação com um pouco mais de confiança.

¹⁴ Dentro das idades que interessam a este grau de ensino.

do pai e nos dos estratos socioprofissionais da mãe e dos avós paterno e materno, bem como no de outros indicadores principais, como o nível de instrução.

2.1 OS INDICADORES UTILIZADOS E AS SUAS RELAÇÕES

O indicador principal para estabelecer as origens sociais dos alunos é o das categorias socioprofissionais dos pais (profissão ou ocupação e situação na profissão), que posteriormente foram agrupadas em estratos ¹⁵.

Dispõe-se de idênticos dados relativos às mães e aos avós paterno e materno. No entanto, o tratamento desta informação faz-se predominantemente em função do estrato do pai, que funciona como seu pólo organizador.

Ainda no âmbito destes indicadores se analisam as distribuições, no interior de cada estrato do pai, das suas categorias socioprofissionais constitutivas, o que, na comparação das duas populações, nos permite observar diferenças interessantes.

Ainda que as habilitações do pai, da mãe e dos avós constituam um outro bloco de indicadores destinados à observação das condições culturais de existência dos alunos, os estratos do pai serão também ventilados em função dos próprios níveis de instrução, no sentido de melhor determinar os conteúdos diversos de cada estrato no liceu e no ensino técnico.

Como um dos factores importantes na definição das «escolhas» de percurso escolar é o nível de instrução da mãe, o qual, quando mais elevado que o do pai ou mais elevado que a média do nível de instrução das mães num dado estrato, favorece a orientação nas vias de escolarização mais nobres (neste caso, o liceu), também essa análise será feita na base dos nossos materiais.

Os elementos referentes aos irmãos aparecem-nos como uma outra dimensão de caracterização social das populações. Pelo estrato do pai se observa o número de irmãos, a composição etária do grupo de irmãos, os seus níveis de instrução, a sua situação escolar (idades em referência às classes ou anos que frequentam, tipo de ensino frequentado, etc.), os seus estratos socioprofissionais, conjunto de características através do qual, de alguma maneira, a situação social melhor se clarifica, permitindo ver o que, relativamente a um destino familiar, há de excepção à regra de um destino social no «transviado» de um estrato social elevado que se encontra a frequentar o ensino secundário técnico ou nos «miraculados» dos mais baixos estratos que se encontram no liceu ¹⁶.

São estes os indicadores de que nos serviremos para caracterizar as populações. Por eles veremos o que de carácter de classe a escola assume nas duas vias de nível secundário, através das diferenças sociais de recrutamento das suas populações.

É este apenas um passo, como de início se diz, na análise das funções sociais do sistema escolar. É esta uma das formas mais imediatas de ir

¹⁵ Adoptámos a classificação socioprofissional apresentada num texto publicado na *Análise Social*, n.º 38, vol x, 1973, pp. 352-365.

O quadro n.º 3, adiante, inclui a designação das categorias socioprofissionais, onde incluímos os pais dos inquiridos e a sua distribuição pelos seis estratos socioprofissionais.

¹⁶ A maioria dos aspectos aqui apontados serão sobretudo tratados na segunda parte do nosso trabalho, a publicar posteriormente.

mostrando a «falsa unidade» da escola, que se diz igual para todos¹⁷. O resto tem de ficar para depois.

2.2 «QUEM ANDA ONDE?»

Afirmar, à semelhança de asserções feitas na base de teorias aplicadas a outras situações¹⁸ relativamente diferenciadas da do nosso sistema escolar, que o liceu é a escola da burguesia e que o ensino técnico, na continuidade do ensino básico, é a escola do proletariado e do campesinato não significa dizer que as populações de um e de outro ensino se componham apenas, num caso, de filhos dos grandes proprietários industriais, de latifundiários, de indivíduos dos quadros superiores dos sectores privado e público e de elementos das mais prestigiadas profissões liberais e, no outro, de filhos de operários, de camponeses, etc.

Não é necessário que assim seja exactamente para que às duas vias de escolarização no secundário seja intrínseco um carácter socialmente segregado.

Mais importante do que isso é ver que tipo de lugar e de funções uma e outra via constituem quando estabelecemos as formas de relação que as ligam, no processo de reprodução das relações sociais dominantes, aos diferentes lugares da divisão social do trabalho.

A função do ensino liceal é a de conduzir ao ensino superior, ao qual, no entanto, só uma pequena parte da população escolarizada nos primeiros anos acede. E essa, na sua grande maioria, é de facto oriunda dos estratos sociais mais altos¹⁹.

Mas o liceu é também, parece-nos, no caso português, a escola da (nova) pequena burguesia, no que respeita não só às origens sociais dos seus alunos, mas sobretudo ao destino profissional e social da maioria²⁰, que não consegue levar a cabo o projecto de mobilidade que a integraria nos lugares mais elevados.

Coisas semelhantes quanto à lógica, mas muito diferentes quanto às formas, se poderiam dizer sobre o ensino técnico.

Com tudo isto, a análise da estrutura das duas populações discentes, do ponto de vista das suas origens sociais, tem um interesse que decorre das diferenças significativas que apresentam quando comparadas.

Tendo em conta os resultados do inquérito que serve de base a este trabalho, se perguntarmos a um aluno do ensino secundário onde ele anda e ele responder que é no liceu, há uma probabilidade da ordem dos 18 % ter ele um pai cuja profissão o inclui nos dois estratos socioprofissionais mais elevados da escala adoptada.

Há probabilidades mais fortes ainda de o pai ter uma categoria socio-profissional que o coloca nos estratos 3 e 4 da nossa classificação (27,8 %

¹⁷ Ver desenvolvimento desta ideia da falsa «unidade da escola» em Ch. Baudelot e R. Estabiet, *L'école capitaliste en France*, Paris, Maspéro, 1971, pp. 10-21.

¹⁸ Id., *ibid.*

¹⁹ Ver, a este propósito, em A. Sedas Nunes, «A universidade no sistema social português — uma primeira abordagem», in *Análise Social*, n.º 32, vol. VIII, 1970, pp. 646-707, a composição social da população universitária. Ainda que os nossos estratos sejam diferentes na sua constituição dos grupos socioprofissionais aí utilizados, o que essa informação nos revela autoriza, dentro de certos limites, uma aproximação com os nossos dados.

²⁰ Maioria essa que contém também filhos de operários, de trabalhadores de serviços (de diversos níveis), de camponeses, etc.

e 28,7 %, respectivamente). A probabilidade de a sua origem social se situar ao nível do estrato 5 é de 20,6 % e, neste estrato, a de ser filho de operário é ainda de 11,7 % ²¹.

À primeira vista, uma estrutura que assim se configura pareceria dar razão aos que querem ver na história do sistema escolar um progressivo alargamento das suas portas, apontando para uma «democratização» que, aos poucos, se vai realizando. Para além do problema, já atrás afluído, de que, na análise sociológica do sistema escolar, a questão do acesso não é nem a única nem a mais pertinente forma de abordagem, restar-nos-ia ainda, nos limites do terreno em que esta se coloca, avaliar o significado que tais números assumiriam, ao ser possível na base deles estabelecer uma relação com as dimensões totais das respectivas categorias na população global.

Os 7,6 % de alunos oriundos do estrato 1 ²² não revelarão a escolarização praticamente total dos jovens desse estrato? Será que o mesmo se passa com os jovens dos estratos mais baixos? Ainda que não detenhamos a informação básica indispensável para o verificar, não apontarão na mesma direcção os cálculos aproximados já efectuados para o ensino superior? ²³ Pela escassa representação no ensino superior de estudantes oriundos das categorias mais baixas, se é em grande parte responsável a forma de selecção social que a escola promove, é-o também a sua já escassa representação relativa ao nível do ensino secundário, sobretudo no liceu.

Olhar para a composição social da população do ensino técnico ser-nos-á duplamente instrutivo: dadas as misteriosas «preferências» por um ou outro ramo, consoante o estrato a que se pertença (se se é do estrato 1, «prefere-se» o liceu; se se é do estrato 5, «prefere-se» o ensino técnico), começa já a aparecer, ao nível da abordagem mais empírica, a suspeita de um carácter diferencial de classe para uma e outra escola; se a isto juntarmos o que já vamos sabendo acerca das diversas morfologias das duas populações quanto às distribuições entre «graus» de ensino ²⁴, isto é, as percentagens de alunos que, num e noutro caso, estão inscritos nos cursos gerais e nos complementares, o que faz do ensino técnico um ensino curto e do liceal um ensino mais longo de preparação sobretudo para o ensino superior (como já foi dito), bem poderemos ver como que a configuração das funções sociais convergentes, mas específicas, que um e outro ramo desempenham, quer no tipo preferencial de recrutamento discente, quer nas formas de escolaridade adequadas às suas características populações.

Assim, vemos no quadro n.º 1 que, enquanto a população proveniente do estrato 1 constitui nos liceus 7,6 % do total, no ensino técnico ela conta apenas 1,8 %. Se, no liceu, o que parecia já alguma coisa, o estrato 5 era de 20,6 %, no técnico salta para mais do dobro, atingindo 48 % do total. Os estratos 3 e 4 são ainda ligeiramente superiores no liceu, sobretudo o 3 ²⁵.

²¹ Valores apresentados nos quadros n.ºs 1 e 3.

²² Sem contar com a escolarização nas vias do ensino particular, em e fora de estabelecimento, as quais são formas sobretudo utilizadas pelas camadas economicamente mais bem situadas.

²³ Cfr. A. Sedas Nunes, *op. cit.*

²⁴ Cfr., a este propósito, a análise destas distribuições contida em M. E. Cruzeiro e M. L. Marinho Antunes, «Uma aproximação à análise do sistema de ensino secundário em Portugal», in *Análise Social*, n.º 49, vol. XIII, 1977, pp. 147-210.

²⁵ Se utilizamos os termos «no liceu» e «no ensino técnico», é para evitar dizer continuamente «nos liceus e nas escolas técnicas da nossa amostra». Não queremos,

Composição da população observada por estratos socioprofissionais dos pais e medidas de comparação inter-ramos dos referidos valores de percentagem

[QUADRO N.º 1]

Estratos dos pais	Composição, em percentagens		Índice de comparação inter-ramos (base: escola técnica = 100)	Quociente da relação entre os valores das colunas 2 e 3 *
	Liceus	Escolas técnicas		
1	2	3	4	5
Total ...	100	100	—	—
1	7,6	1,8	422	+ 4,2
2	10,3	1,4	736	+ 7,4
3	27,8	15,3	181	+ 1,8
4	28,7	23,3	123	+ 1,2
5	20,6	48	42	- 2,3
6	2,7	9,1	29	- 3,4
Não sabe e não responde	2,3	1,1	209	+ 2,1

* A relação é feita entre o valor mais elevado (numerador) e o menor (denominador); o sinal + significa que o valor mais elevado é o dos liceus e o sinal - significa que o valor mais elevado é o das escolas técnicas.

Feitas medidas mais rigorosas destas diferenças, podemos dizer que, por exemplo, o estrato 1 apresenta uma percentagem 4,2 vezes superior nos liceus, o 3 é 1,8 vezes superior, enquanto os estratos 5 e 6 são, respectivamente, 2,3 e 3,4 vezes superiores no ensino técnico.

Agrupados os estratos, o conjunto de 1 e 2 é 5,6 vezes mais frequente no liceu, sendo os estratos 5 e 6, juntos, 2,5 vezes no técnico.

Mais do que a própria distribuição das percentagens de cada estrato (ou grupo de estratos) no interior de cada população, lida directamente, são significativas estas diferenças relativas entre os dois ramos. Expressas sob esta forma, distribuindo a população de cada estrato pelos dois ramos de ensino, as «preferências» socialmente condicionadas podem ser ainda mais claramente observadas, conforme consta do quadro n.º 2.

Constituindo a população do liceu 44,8 % do total da nossa amostra, veja-se como tal percentagem sobe sobretudo no estrato 1 e 2, mantendo-se acima da média nos estratos 3 e 4, para descer espectacularmente nos estratos 5 e 6, que se colocam na posição inversa da dos estratos 1 e 2.

Estas diferenças de percentagens mostram que os alunos oriundos do estrato 1 têm 4,2 vezes mais probabilidades de estar no liceu que os do estrato 6 e, dito ainda de outra forma, que os do estrato 1 têm 3,4 vezes mais probabilidades de estar no liceu do que no técnico, enquanto os do estrato 6 têm, inversamente, 4,5 vezes mais probabilidades de se encontrarem no técnico ²⁶.

A leitura dos índices incluídos no quadro n.º 2 é ainda mais instrutiva, revelando uma maior «relutância» para alguém dos estratos 1 e 2 (e bastante

de forma alguma, fazer crer que a amostra analisada seja representativa do universo. como já atrás claramente afirmámos.

²⁶ Estes valores são os quocientes achados entre percentagens quer de estratos diferentes dentro do mesmo ramo, quer do mesmo estrato em cada um dos ramos.

ainda do 3) em ir para o ensino técnico (que não se fez para eles) do que intolerância num abrir de portas, ainda que estreito, aos que de baixo tentam escapar ao seu destino ²⁷.

Analisando as distâncias relativas entre estratos e grupos de estratos no interior de cada população e comparando inter-ramos essas distâncias, chegamos a resultados que vão no mesmo sentido, revelando a natureza de classe de cada uma das escolas.

Distribuição da população por ramos de ensino segundo os estratos socio-profissionais dos pais e índice de comparação interestratos dos referidos valores de percentagem

[QUADRO N.º 2]

Estratos dos pais	Distribuição, em percentagens		Índices de comparação interestratos (base: valor do total de cada ramo = 100)	
	Liceus	Escolas técnicas	Liceus	Escolas técnicas
1	2	3	4	5
Total ...	44,8	55,2	100	100
1	77,3	22,7	172	41
2	85,2	14,8	190	26
3	59,6	40,4	133	73
4	50	50	111	90
5	26,1	73,9	57	134
6	18,2	81,8	43	146

A título exemplificativo, diremos que a dimensão relativa do estrato 3, no liceu, é 3,7 vezes superior à do estrato 1, sendo essa diferença no ensino técnico de 8,5. Comparando os estratos 3 e 5, por sua vez, pode ver-se que, no liceu, o estrato 3 é 1,4 vezes superior ao 5, enquanto, no técnico, a relação se inverte e o estrato 5 é 3,1 vezes superior ao 3.

Em conjunto, os estratos 3 e 4 são, no liceu, 3,2 vezes mais pesados que o conjunto de 1 e 2; mas, nas escolas técnicas, esta diferença sobe até 12,1. Será isto porque no ensino técnico é predominante o grupo de estratos 3 e 4? Não. Esta diferença revela apenas a prática ausência neste ramo de ensino de filhos de quadros superiores, médicos, advogados, etc., e o que aí mais se encontra vê-se bem quando verificamos que superior a

²⁷ Que este discurso que parece fazer dos indivíduos o sujeito do processo social não levante equívocos. Trata-se de um mero artifício que não deixa, no entanto, de ser intencional, na medida em que pretende evocar o facto de, não sendo os indivíduos conscientes das razões sociais dos seus projectos e comportamentos, eles agirem *como se* tivessem o conhecimento das condições sociais objectivas que lhes tornam possíveis, prováveis ou improváveis determinados «destinos». Sociologicamente falando, é tendencialmente verdade que só se aspira àquilo que se pode ter. Para esta questão, ver P. Bourdieu e J.-C. Passeron, *La reproduction. Éléments pour une théorie du système d'enseignement*, Paris, Minuit, 1970, pp. 188-191, e também P. Bourdieu, *Esquisse d'une théorie de la pratique*, Paris, Genebra, Droz, 1972.

ele (1,5) é o conjunto dos estratos 5 e 6. No liceu, no entanto, alunos oriundos dos estratos 3 e 4 são 2,4 vezes mais numerosos que os do grupo 5 e 6.

Trata-se, pois, de dois tipos de recrutamento. Um, o do liceu, que, absorvendo a massa escolarizável originária da burguesia que não foi para os colégios, vai buscar reforços às camadas da pequena burguesia, nova e velha, mas sobretudo nova²⁸; e o outro, que manifesta a predominância nítida de filhos de operários e trabalhadores não qualificados de serviços, transportes e comunicações, de alguns empregados de comércio, etc.

2.2.1 Os estratos e categorias socioprofissionais dos pais

Detenhamo-nos ainda um pouco na análise desta informação e comparemos a composição interna de alguns estratos, como consta do quadro n.º 3.

Deixaremos, neste momento, de lado os estratos cuja grande concentração num dos ramos tornam a comparação sujeita a grandes inconvenientes porque uma das parcelas apresenta efectivos muito reduzidos. É o caso dos estratos 1 e 2, que aparecem nas escolas técnicas apenas com 5 e 4 casos, respectivamente, e o estrato 6, somente com 6 casos nos liceus.

Os estratos 3 (com efectivos de 62 e 64 inquiridos, respectivamente, nos liceus e nas escolas técnicas) apresentam, nas suas diferentes composições, alguns traços interessantes. No liceu, este estrato é constituído, na sua maioria (63 %), pelos quadros médios, dirigentes, administrativos e técnicos, dos sectores público e privado, os quais, no ensino técnico, atingem 50 % do conjunto do estrato. Dos quadros médios, no liceu, é o conjunto do pessoal técnico o que atinge um valor mais elevado (33,9 %), em confronto com os 14,3 % que alcança no ensino técnico.

Por outro lado, o conjunto de médios patrões é quase duas vezes superior no ensino técnico: 45,3 % do total do estrato 3 para 27,4 % no liceu. O peso mais importante é o dos patrões do comércio: 21,4 % nas escolas técnicas e 12,9 % em liceus.

Por isso nos parece que o peso da nova pequena burguesia é mais significativo no liceu, sendo que, no conjunto, o mesmo sucede no técnico, mas no que respeita à pequena burguesia tradicional.

Quanto ao estrato 4, parece verificar-se o mesmo tipo de clivagem, agora com as camadas mais baixas da pequena burguesia.

No ensino técnico, isolados da indústria e do comércio constituem 21,9 % do estrato 4, enquanto no liceu os mesmos são apenas 15,6 %. Porém, se considerarmos o conjunto do pessoal administrativo (pessoal de escritório), a percentagem que se apresenta no liceu é quase o dobro da que se verifica nas escolas técnicas: 20,3 % e 10,9 %, respectivamente.

Por sua vez, a categoria de empregados de comércio e vendedores é mais de duas vezes superior no ensino técnico: 26,6 % para 12,5 % nos liceus.

²⁸ Veremos a seguir as diferenças que opõem os ensinos liceal e técnico no que respeita à composição interna dos estratos, sobretudo 3 e 4. É óbvio que estas diferenças decorrem em grande parte da própria forma de constituição dos estratos, mas vale a pena considerá-las, pois permitem afinar a caracterização específica de uma e de outra população.

Composição da população observada por estratos e categorias socioprofissionais dos pais, distribuição de cada estrato e categoria por ramos de ensino, em percentagens, e efectivos da população observada, em números absolutos

[QUADRO N.º 3]

Estratos e categorias socioprofissionais dos pais		Composição por estratos e categorias em percentagens				Distribuição por ramos de ensino em percentagens		Efectivos da população observada	
		Liceus		Escolas técnicas		Liceus	Escolas técnicas	Liceus	Escolas técnicas
1		2	3	4	5	6	7	8	9
TOTAL		100	—	100	—	44,8	55,2	223	275
Estrato 1	Total	7,6	100	1,8	100	77,3	20,7	17	5
	Patrões da indústria de empresas com 51 ou mais empregados	1,3	17,6	—	—	100	—	3	—
	Profissões liberais ou técnicas, com instrução universitária ou equivalente	2,2	29,4	0,4	20	83,3	16,7	5	1
	Pessoal dirigente e administrativo superior do sector público com curso superior ...	0,4	5,9	—	—	100	—	1	—
	Pessoal dirigente e administrativo superior do sector privado, com ou sem curso superior	0,9	11,8	0,4	20	66,7	33,3	2	1
	Pessoal técnico superior dos sectores público e privado, com curso superior	2,7	35,3	1,1	60	66,7	33,3	6	3
	Total	10,3	100	1,4	100	85,2	14,8	23	4
Estrato 2	Patrões da indústria, de empresas com mais de 10 e menos de 51 empregados ...	1,3	13	1,1	75	50	50	3	3
	Patrões do comércio, de empresas com mais de 10 empregados	3,1	30,4	—	—	100	—	7	—
	Patrões das empresas de serviços, transportes, comunicações com 11 ou mais empregados	0,9	8,7	0,4	25	66,7	33,3	2	1
	Patrões agrícolas proprietários, com propriedades de mais de 10 ha e menos de 200 ha ...	4,0	39,1	—	—	100	—	9	—
	Oficiais, major e tenente-coronel ou capitão-de-fragata e capitão-tenente	0,9	8,7	—	—	100	—	2	—
	Total	27,8	100	15,3	100	59,6	40,4	62	42
Estrato 3	Patrões da indústria, de empresas com menos de 11 empregados	1,8	6,5	2,5	16,7	36,4	63,6	4	7

[QUADRO N.º 3 (continuação)]

Estratos e categorias socioprofissionais dos pais		Composição por estratos e categorias em percentagens				Distribuição por ramos de ensino em percentagens		Effectivos da população observada	
		Liceus		Escolas técnicas		Liceus	Escolas técnicas	Liceus	Escolas técnicas
1		2	3	4	5	6	7	8	9
Estrato 3 (continuação)	Patrões do comércio, de empresas com menos de 10 empregados	3,6	12,9	3,3	21,4	47,1	52,9	8	9
	Patrões das empresas de serviços, transportes e comunicações com menos de 10 empregados	0,9	3,2	0,7	4,8	50	50	2	2
	Patrões agrícolas proprietários com propriedades de menos de 10 ha	1,3	4,8	0,4	2,4	75	25	3	1
	Professores primários	0,4	1,6	—	—	100	—	1	—
	Professores do ensino secundário e médio, sem curso superior	0,4	1,6	0,4	2,4	50	50	1	1
	Profissões liberais e técnicas com instrução média, secundária ou equivalente	0,9	3,2	0,4	2,4	66,7	33,3	2	1
	Oficiais, de aspirante a oficial a capitão ou de subtenente e guarda-marinha a primeiro tenente e graduados da PSP equiparáveis a oficiais	0,9	3,2	—	—	100	—	2	—
	Pessoal dirigente médio do sector público, com curso médio ou secundário	1,8	6,5	1,5	9,5	50	50	4	4
	Pessoal dirigente médio do sector privado com ou sem curso secundário	3,1	11,3	2,2	14,3	53,8	46,2	7	6
	Pessoal administrativo médio do sector público com curso médio ou secundário	0,4	1,6	0,4	2,4	50	50	1	1
	Pessoal administrativo médio do sector privado com curso médio ou secundário	2,7	9,7	1,5	9,5	60	40	6	4
	Pessoal técnico médio dos sectores público e privado com curso médio ou secundário	9,4	33,9	2,2	14,3	77,8	22,2	21	6
	Total	28,7	100	23,3	100	50	50	64	64
	Isolados da indústria	1,3	4,7	2,2	9,4	33,3	66,7	3	6
Estrato 4	Isolados do comércio	3,1	10,9	2,9	12,5	46,7	53,3	7	8
	Isolados dos serviços e transportes	1,3	4,7	0,4	1,6	75	25	3	1
	Sargentos e graduados da PSP equiparáveis a sargentos	5,4	18,8	1,5	6,3	75	25	12	4
	Outro pessoal administrativo dos sectores público e privado	5,8	20,3	2,5	10,9	65	35	13	7
	Chefes de pessoal dos serviços, transportes e comunicações e pessoal qualificado	2,2	7,8	2,5	10,9	41,7	58,3	5	7

[QUADRO N.º 3 (continuação)]

Estratos e categorias socioprofissionais dos pais		Composição por estratos e categorias, em percentagens				Distribuição por ramos de ensino, em percentagens		Effectivos da população observada	
		Liceus		Escolas técnicas		Liceus	Escolas técnicas	Liceus	Escolas técnicas
1		2	3	4	5	6	7	8	9
Estrato 4 (cont.)	Empregados do comércio e vendedores	3,6	12,5	6,2	26,6	32	68	8	17
	Mestres, encarregados e capatazes	3,1	10,9	4	17,2	38,9	61,1	7	11
	Operários qualificados	2,7	9,4	0,7	3,1	75	25	6	2
	Feitores e capatazes agrícolas	—	—	0,4	1,6	—	100	—	1
Estrato 5	Total	20,6	100	48	100	25,9	74,1	46	132
	Isolados agrícolas proprietários	2,2	10,9	1,1	2,3	62,5	37,5	5	3
	Cabos, praças e agentes da PSP	1,3	6,5	3,3	6,8	25	75	3	9
	Pessoal especializado dos serviços, transportes e comunicações	5,4	26,1	12,7	26,5	25,5	74,5	12	35
	Vendedores ambulantes	—	—	1,1	2,3	—	100	—	3
	Operários especializados	11,7	56,5	29,8	62,1	24,1	75,9	26	82
Estrato 6	Total	2,7	100	9,1	100	19,4	80,6	6	25
	Pessoal não especializado dos serviços, transportes e comunicações	1,3	50	5,5	60	16,7	83,3	3	5
	Operários não especializados	0,4	16,7	2,2	24	14,3	85,7	1	6
	Trabalhadores rurais empregados em trabalhos comuns	0,9	33,3	1,1	12	40	60	2	3
	Pescadores	—	—	0,4	4	—	100	—	1
	Não sabe a profissão ou ocupação do pai	0,5		0,4		50	50	1	1
	Não responde	1,8		0,7		66,7	33,3	4	2

A categoria de mestres, capatazes e encarregados — categoria ligada à actividade industrial — é também razoavelmente mais pesada no ensino técnico (17,2 %) do que no liceu (10,9 %). Curiosamente, os operários qualificados apresentam-se no liceu com um peso três vezes superior ao do ensino técnico: 9,4 % no liceu e 3,1 % no outro ramo. São de ter em conta, no entanto, os números absolutos extremamente baixos que esta categoria apresenta: 6 nos liceus e 2 nas escolas técnicas. A tendência que a representação preferencial dos mestres, capatazes, etc., no ensino técnico mostra parece aqui desmentida, mas, quando considerarmos o conjunto dos operários especializados do estrato 5, veremos como ela aí se acentua.

É ainda de assinalar o facto de, neste estrato, os filhos de sargentos e graduados da PSP equiparáveis serem muito mais representativos nos liceus do que nas escolas técnicas, na proporção de 3 para 1 (18,8 % no liceu e 6,3 % nas escolas técnicas). No estrato 5 vemos, no que respeita aos postos

inferiores — cabos, praças e agentes da PSP —, que a tendência tende a inverter-se. Se, em vez de vermos os pesos relativos das duas categorias nos respectivos estratos nas duas populações, observarmos a distribuição de cada uma delas pelos dois ramos, diremos mesmo que elas se opõem.

No que respeita ao estrato 5, ele apresenta, enquanto estrutura de composição interna, traços semelhantes em ambas as populações. Os operários especializados constituem sempre mais de metade da população do estrato no liceu (56,5 %) e nas escolas técnicas (62,1 %), seguindo-se-lhes o pessoal especializado dos serviços, transportes e comunicações e, finalmente, os isolados agrícolas proprietários, nos liceus, e os cabos, praças e agentes da PSP, na escola técnica.

Porém, procedendo a outra forma de avaliação, através da distribuição de cada categoria pelos dois ramos de ensino, vê-se claramente o sentido das diferentes «preferências».

Assim, e apontando apenas os casos que nos parecem mais significativos, no estrato 3 — que, no total, apresenta uma «preferência» de liceu da ordem dos 60 % —, as categorias de patrões oscilam entre 36,4 % e 75 % no liceu, enquanto a categoria de pessoal técnico médio vai até 77,8 %, confirmando o que anteriormente apontávamos.

No estrato 4 — que se reparte a meio entre os dois ramos de ensino —, os isolados da indústria e do comércio apresentam percentagens de presença no liceu respectivamente de 33,3 % e 46,7 %. Porém, os isolados dos serviços e transportes (categoria muito pouco volumosa) alcançam os 75 %. Os empregados de escritório «preferem» o liceu (65 %), enquanto os de comércio parecem «preferir» claramente o técnico: no liceu estão apenas 32 % do total da categoria.

Se virmos agora as categorias de trabalhadores-operários, verificaremos que os mestres, encarregados, capatazes, etc., estão menos presentes no liceu que no técnico (38,9 % e 61,1 %, respectivamente), verificando-se o inverso com os operários qualificados, voltando, no entanto, a marcar-se a primeira tendência com a categoria de operários especializados do estrato 5. Aqui, destes, apenas 24,1 % se encontram nos liceus, para 75,9 % nas escolas técnicas.

Verificamos, deste modo, que as populações observadas dos liceus e das escolas técnicas são sensivelmente diferentes no que respeita aos estratos e categorias socioprofissionais dos pais e que os estratos e categorias registados nos liceus são superiores aos das escolas técnicas.

2.2.2 *Os níveis de instrução dos pais*

É mera comprovação do intuito verificar que, no conjunto, o nível de instrução dos pais no liceu é mais elevado do que nas escolas técnicas. Na população observada, pais sem instrução são 8,8 vezes mais frequentes no ensino técnico que no liceu e os que possuem apenas a instrução primária (completa ou incompleta) são-no, mesmo assim, uma vez e meia, segundo os elementos que constituem os quadros n.ºs 4 e 5.

Só o facto de o pai ter andado no liceu dá aos filhos uma probabilidade 2,4 vezes superior de estar no liceu, probabilidade que aumenta à medida que avança o nível de estudos atingido pelo pai: 1,5 (para o equivalente ao ciclo preparatório actual), 3,4 (antigo 5.º ano) e 6,9 (antigo 7.º ano).

Composição da população observada por graus de habilitação literária dos pais, em percentagens, segundo os estratos socioprofissionais dos pais (liceus)

[QUADRO N.º 4]

Habilitações literárias dos pais	Estratos dos pais						
	Total	1	2	3	4	5	6
1	2	3	4	5	6	7	8
Total	100	100	100	100	100	100	100
Sem instrução	0,5	—	—	—	—	2,2	—
Instrução primária (completa ou incompleta)	45,3	—	30,4	22,6	45,3	95,7	100
Ensino liceal (não tendo sequer uma secção do 5.º ano)	11,2	—	17,4	8,1	20,3	2,2	—
Ensino liceal (tendo, pelo menos, uma secção do 5.º ano, mas não tendo concluído o 7.º)	8,5	—	13	12,9	10,9	—	—
Ensino liceal (tendo o 7.º ano completo)	7,6	5,9	13	16,1	4,7	—	—
Ensino secundário técnico incompleto	5,4	—	8,7	3,2	12,5	—	—
Ensino secundário técnico completo	7,6	—	4,3	24,2	1,6	—	—
Outros ensinos secundários (por exemplo, seminários menores, etc.)	—	—	—	—	—	—	—
Ensino médio incompleto	—	—	—	—	—	—	—
Ensino médio completo	2,7	—	4,3	8,1	—	—	—
Ensino superior incompleto	0,9	5,9	4,3	—	—	—	—
Ensino superior completo	7,2	88,2	4,3	—	—	—	—
Não sabe ou não responde	3,1	—	—	4,8	4,7	—	—

Se o pai possui um curso superior, o filho estará 6,6 vezes mais representado no liceu que no ensino técnico ²⁹.

Estes apontamentos, só por si, dão-nos já uma ideia das diferenças que marcam as duas populações. Mais adiante, ao tratar das condições socioculturais familiares, a informação será mais extensamente comentada.

Aqui interessa-nos sobretudo comparar estratos, nas diferenças de níveis de instrução que apresentam, consoante se trate de uma ou de outra via de escolarização secundária.

Consideremos os casos mais interessantes deste ponto de vista, os dos estratos 3 e 4.

Quer no estrato 3 quer no 4, as percentagens de pais possuindo apenas a instrução primária são significativamente inferiores no liceu, como se vê nos quadros n.ºs 4 e 5: no estrato 3, os valores são de 22,6 % no liceu

²⁹ Estes valores são o quociente das percentagens num e noutro ramo de ensino apresentadas nos quadros n.ºs 4 e 5.

São valores achados na população que observámos, a qual, mais uma vez o repetimos, não é representativa do total dos estudantes do ensino secundário em Portugal.

**Composição da população observada por graus de habilitação literária dos pais,
em percentagens, segundo os estratos socioprofissionais dos pais
(escolas técnicas)**

[QUADRO N.º 5]

Habilitações literárias dos pais	Estratos dos pais						
	Total	1	2	3	4	5	6
1	2	3	4	5	6	7	8
Total	100	100	100	100	100	100	100
Sem instrução	4,4	—	—	—	—	6,1	16
Instrução primária (completa ou incompleta)	68,7	—	75	33,3	60,9	84,1	—
Ensino liceal (não tendo sequer uma secção do 5.º ano)	7,6	—	—	7,1	12,5	7,6	—
Ensino liceal (tendo, pelo menos, uma secção do 5.º ano, mas não tendo concluído o 7.º)	2,5	—	—	14,3	—	0,8	—
Ensino liceal (tendo o 7.º ano completo)	1,1	20	—	2,4	1,6	—	—
Ensino secundário técnico incompleto	5,7	—	—	7,1	20,3	—	—
Ensino secundário técnico completo	4,4	—	25	23,8	1,6	—	—
Outros ensinos secundários (por exemplo, seminários menores, etc.)	0,4	—	—	2,4	—	—	—
Ensino médio incompleto	0,4	—	—	2,4	—	—	—
Ensino médio completo	1,1	—	—	7,1	—	—	—
Ensino superior incompleto	0,4	20	—	—	—	—	—
Ensino superior completo	1,1	60	—	—	—	—	—
Não sabe ou não responde	2,2	—	—	—	3,2	1,5	4

e de 33,3 % na escola técnica; no estrato 4, esses valores são, respectivamente, 45,3 % e 60,9 %.

Por outro lado, em ambos os ramos, o conjunto de pais de estrato 3 que frequentaram o ensino secundário, independentemente do nível atingido e do ramo seguido, abrange mais de metade da população dos estratos, mas com superioridade para os liceus: 64,5 % no ensino liceal a 57,1 % no ensino técnico. No estrato 4, estes valores são mais baixos, como é de esperar, dada a própria forma de constituição do estrato, mas a distância entre liceus e escolas técnicas torna-se maior: 50 % e 36 %, respectivamente.

Estes desníveis acentuam-se, no caso dos pais de estrato 3 que frequentaram o liceu, ao observarmos os graus de ensino obtidos, conforme se pode ver no quadro n.º 6.

Enquanto, no liceu, as percentagens vão subindo à medida que se sobe de grau, nas escolas técnicas a subida apenas se verifica do 1.º para o 2.º grau, diminuindo drasticamente no 3.º

No que se refere ao estrato 4, pode ver-se no mesmo quadro o movimento inverso, comum aos dois ramos de ensino, de descida de percentagens conforme se avança em grau, mas extremamente mais acentuado nas escolas técnicas, onde, de resto, a frequência total de ensino liceal (dos pais) é mais de duas vezes inferior à verificada nos liceus.

Percentagens de inquiridos de pais dos estratos socioprofissionais 3 e 4 possuindo habilitações literárias do ensino liceal, conforme os diversos graus de escolaridade possuídos pelos pais, segundo os ramos de ensino

[QUADRO N.º 6]

Ramos	Estratos e graus dos pais							
	Estrato 3				Estrato 4			
	Total do ensino liceal	Equivalente ao ciclo preparatório actual	Curso geral	Curso complementar	Total do ensino liceal	Equivalente ao ciclo preparatório actual	Curso geral	Curso complementar
1	2	3	4	5	6	7	8	9
Liceus	37,1	8,1	12,9	16,1	35,9	20,3	10,9	4,7
Escolas técnicas ...	23,8	7,1	14,3	2,4	14,1	12,5	—	1,6

Fonte: quadro n.º 4.

Outro aspecto nos parece ainda mais interessante de salientar. Trata-se do ramo de ensino secundário frequentado pelos pais.

Nos liceus, quer no caso do estrato 3 quer no do estrato 4, é sempre mais pesada a frequência dos liceus, tal como se apresenta no quadro n.º 7. No estrato 3, no liceu, a percentagem de pais que frequentaram o liceu é 1,4 vezes superior à dos que frequentaram o ensino técnico (sem que, no entanto, esta seja irrelevante), tal como no ensino técnico a percentagem de pais que frequentaram o ensino técnico é 1,3 vezes superior à dos que frequentaram o liceu. Por seu lado, no estrato 4, estas tendências acentuam-se: no liceu, pais que frequentaram o liceu são em percentagem 2,5 vezes maior no total do estrato que os que frequentaram o ensino técnico; nas escolas técnicas, inversamente, a percentagem dos pais que frequentaram o ensino técnico é 1,6 vezes maior.

Por sobre a maior frequência conjunta de ensino secundário verificado entre os pais dos estratos 3 e 4 dos alunos dos liceus, observa-se, quando analisados os ramos de ensino frequentados pelos pais, um conjunto de factos curiosos.

Percentagens de inquiridos de pais dos estratos socioprofissionais 3 e 4 possuindo habilitações literárias do ensino secundário, conforme o ramo de ensino frequentado pelos pais, segundo os ramos de ensino dos inquiridos

[QUADRO N.º 7]

Ramos de ensino dos inquiridos	Estratos e ramos frequentados pelos pais			
	Estrato 3		Estrato 4	
	Ensino liceal	Ensino técnico	Ensino liceal	Ensino técnico
1	2	3	4	5
Liceus	37,1	27,4	35,9	14,1
Escolas técnicas ...	23,8	30,9	14,1	21,9

Fonte: quadro n.º 4.

Observando a distribuição entre ensino liceal e técnico na frequência do ensino secundário pelos pais dos alunos das duas populações dos referidos estratos que possuem habilitações literárias do ensino secundário, tal como pode ver-se no quadro n.º 8, concluir-se-á que os filhos de pais que frequentaram o liceu têm 2,3 mais probabilidades de estar no liceu do que no técnico, sendo do estrato 3, e 2,6 sendo do 4. Por sua vez, os filhos de pais que frequentaram o ensino técnico e são do estrato 3 têm mais probabilidades na ordem de 1,3 de também frequentarem esse ensino, enquanto os que são do estrato 4 têm 1,6 mais probabilidades de estar no ensino técnico.

Distribuição dos inquiridos filhos de pais dos estratos socio-profissionais 3 e 4 possuindo habilitações literárias do ensino secundário, por ramos de ensino, em percentagens, conforme o ramo de ensino frequentado pelos pais

[QUADRO N.º 8]

Ramos de ensino frequentados pelos pais dos inquiridos	Estratos dos pais	
	Estrato 3	Estrato 4
1	2	3
Ensino liceal:		
Liceus	69,7	71,9
Escolas técnicas	30,3	28,1
Ensino técnico:		
Liceus	56,7	39,1
Escolas técnicas	43,3	60,9

Vemos, assim, como que uma linha de projecção do passado escolar dos pais na situação dos filhos. Para os pais que frequentaram o liceu e tiveram de abandonar essa via, mais tarde ou mais cedo, o futuro preferencial para os seus filhos será o de chegarem onde eles não puderam: para uns talvez só o liceu, mas um pouco mais à frente do que eles, para outros o ensino superior.

Estas observações parecem conduzir-nos mais uma vez, ainda que liminarmente, à confirmação de que o liceu é a escola da burguesia e da nova pequena burguesia, quer em termos de recrutamento, quer em termos do produto a que ela dá origem, verificado tal tanto nos que por ela se ficam, como naqueles a que ela dá passagem até ao fim da viagem.

E as escolas técnicas? No caso destas, e aqui não é preciso senão relembrar que mais de dois terços da sua população são constituídos por alunos cujos pais possuem apenas o nível mínimo de instrução. Para estes, a probabilidade de estar no ensino técnico é quase duas vezes superior à de estar no liceu. É este, no melhor dos casos (pois não contamos aqui com os que já estão fora do sistema escolar), o seu destino escolar preferencial.

2.3 PAIS E MÃES

2.3.1 Os estratos socioprofissionais das mães

Alargando um pouco o âmbito de observação, de modo a permitir diversificar mais os aspectos da caracterização social das populações que estamos fazendo, teremos de considerar quais as condições socioprofissionais das mães dos alunos que frequentam as duas escolas.

No total, independentemente do estrato socioprofissional do pai, a composição das duas populações apresenta diferenças que não se afastam grandemente das que verificámos no que respeita às condições relativas aos pais, como se vê no quadro n.º 9³⁰.

Composição da população observada por estratos socioprofissionais das mães e medidas de comparação inter-ramos dos referidos valores de percentagem

[QUADRO N.º 9]

Estratos das mães	Composição em percentagens		Índices de comparação inter-ramos (base: escola técnica = 100)	Quocientes da relação entre os valores das colunas 2 e 3 *
	Liceus	Escolas técnicas		
1	2	3	4	5
Total ...	100	100	—	—
1	2,7	0,4	675	+ 6,8
2	1,3	—	—	—
3	11,7	3,3	354	+ 3,5
4	6,7	5,1	131	+ 1,3
5	2,7	10,2	26	- 3,8
6	3,6	9,8	36	- 2,7
7	70,9	70,5	101	+ 1
Não sabe e não responde	0,4	0,7	57	- 1,8

* A relação é feita entre o valor mais elevado (numerador) e o menor (denominador); o sinal + significa que o valor mais elevado é o dos liceus e o sinal - significa que o valor mais elevado é o das escolas técnicas.

Teremos de apontar, de imediato, uma característica comum aos dois ramos de ensino: a percentagem de mães domésticas é praticamente igual nos dois casos — 70,9 % nos liceus e 70,5 % nas escolas técnicas — e bastante elevada, sendo também semelhantes as percentagens de «mães que trabalham»: 28,7 % e 28,4 %, respectivamente, nos liceus e nas escolas técnicas³¹.

³⁰ O estrato socioprofissional 7 das mães é constituído pelas donas de casa. Os restantes são os mesmos que foram apresentados atrás, quando se estudaram os estratos socioprofissionais dos pais. Ver nota 15.

³¹ De acordo com os elementos estatísticos publicados do 11.º Recenseamento Geral da População (1970), 23 % das mulheres residentes no continente e Ilhas, com idades compreendidas entre os 30 e os 49 anos, integravam-se na população com actividade económica.

Consideremos, agora, apenas a população observada que tem mães activas, isto é, que se distribuem pelos estratos socioprofissionais 1 a 6. O quadro n.º 10 reúne informações que lhe diz respeito.

Composição da população constituída pelos inquiridos filhos de mães activas, por estratos socioprofissionais das mães, e medidas de comparação inter-ramos dos referidos valores de percentagem

[QUADRO N.º 10]

Estratos das mães	Composição em percentagens		Índices de comparação inter-ramos (base: escola técnica = 100)	Quocientes da relação entre os valores das colunas 2 e 3 *
	Liceus	Escolas técnicas		
1	2	3	4	5
Total ...	100	100	—	—
1	8,2	1,3	630	+ 6,3
2	4,9	—	—	—
3	41	11,5	356	+ 3,6
4	23	16,7	137	+ 1,4
5	0,8	35,9	27	- 3,7
6	13,1	34,6	37	- 2,6

* A relação é feita entre o valor mais elevado (numerador) e o menor (denominador); o sinal + significa que o valor mais elevado é o dos liceus e o sinal — significa que o valor mais elevado é o das escolas técnicas.

Interessa-nos, para já, analisar a composição por estrato no interior deste último subconjunto. Diferenças que anteriormente, no caso dos pais, opunham as duas populações acentuam-se aqui. Mães de estratos 1 e 2 são 10,1 vezes mais frequentes no liceu do que na escola técnica e as do conjunto 3 e 4 são-no 2,3 vezes mais. Por sua vez, mães dos estratos 5 e 6 são 3,1 vezes mais frequentes no ensino técnico.

Vistas sob a forma de distribuição de cada estrato da mãe pelos dois ramos de ensino, estas diferenças tornam-se mais nítidas, de acordo com os valores reunidos no quadro n.º 11.

Distribuição da população observada por ramos de ensino segundo os estratos socioprofissionais das mães activas e índice de comparação interestratos dos referidos valores de percentagens

[QUADRO N.º 11]

Estratos das mães	Distribuição em percentagens		Índices de comparação interestratos (base: valor total para cada ramo = 100)	
	Liceus	Escolas técnicas	Liceus	Escolas técnicas
1	2	3	4	5
Total ...	44,8	55,2	100	100
1	85,7	14,3	191	25
2	100	—	223	—
3	74,3	25,7	165	46
4	51,7	48,3	115	87
5	17,7	82,3	39	149
6	22,9	77,1	51	139

Se, tendo em conta a categoria socioprofissional do pai, alunos filhos de pais do estrato 1 tinham 3,4 vezes mais probabilidade de se encontrar no liceu que no ensino técnico (assim como a possibilidade inversa para os filhos de pais de estrato 5 era, embora menor, da ordem dos 2,8), no caso de mães de estrato 1, esta probabilidade sobe para 6 (do mesmo modo, filhos de mães de estrato 5 têm agora 4,6 mais probabilidades de frequentar o ensino técnico).

É de notar também a enorme acentuação verificada na «preferência» pelo liceu no caso do estrato 3. No caso dos pais, a probabilidade de estar no liceu era de 1,5; no caso das mães do mesmo estrato acentua-se para 2,9.

Assim, as probabilidades de estar no liceu decrescem à medida que o estrato da mãe é mais baixo ³², com excepção do estrato 6, que constitui, no liceu, um caso marginal.

Se tivermos em conta a distribuição por estratos contida no quadro n.º 10, cujo total inclui apenas as mães que trabalham, veremos com bastante clareza as diferenças entre as duas populações.

Enquanto, no liceu, as mães dos três estratos mais elevados constituem mais de metade (54,1 %) das mães activas, no ensino técnico, a percentagem equivalente não excede os 12,8 %. Inversamente, as mães dos estratos 5 e 6 constituem o grosso das mães activas do ensino técnico, 70,5 %, contra 22,9 % no liceu. É o retrato retocado do que já antes observáramos com os pais.

2.3.2 O cruzamento dos estratos socioprofissionais dos pais e das mães

Por outro lado, revela-se também interessante a análise dos cruzamentos do estrato do pai com o estrato da mãe. Os quadros n.ºs 12 e 13 apresentam informação respeitante a estes cruzamentos.

Composição da população observada por estratos socioprofissionais da mãe, em percentagens, segundo os estratos socioprofissionais do pai (liceus)

[QUADRO N.º 12]

Estratos das mães	Estratos dos pais							
	Total	1	2	3	4	5	6	Não sabe ou não responde
I	2	3	4	5	6	7	8	9
Total	100	100	100	100	100	100	100	100
1	2,7	17,6	4,3	1,6	—	—	—	20
2	1,3	11,8	4,3	—	—	—	—	—
3	11,7	17,6	13	21	6,3	2,2	16,7	20
4	6,7	5,9	—	12,9	6,3	—	16,7	20
5	2,7	—	—	3,2	3,1	4,3	—	—
6	3,6	—	—	—	1,6	13	16,7	—
7	70,9	47,1	78,3	61,3	81,3	80,4	50	40
Não sabe ou não responde	0,4	—	—	—	1,6	—	—	—

³² Deixando de lado o caso do estrato 2, pouco representativo no liceu e inexistente nas escolas técnicas.

Composição da população observada por estratos socioprofissionais da mãe, em percentagens, segundo os estratos socioprofissionais do pai (ensino técnico)

[QUADRO N.º 13]

Estratos das mães	Estratos dos pais							
	Total	1	2	3	4	5	6	Não sabe ou não responde
1	2	3	4	5	6	7	8	9
Total	100	100	100	100	100	100	100	100
1	0,4	20	—	—	—	—	—	—
2	—	—	—	—	—	—	—	—
3	3,3	20	25	9,5	1,6	1,5	—	—
4	5,1	—	—	4,8	7,8	3,8	4	33,3
5	10,2	—	—	7,1	4,7	14,4	12	—
6	9,8	—	25	2,4	4,7	11,4	28	—
7	70,5	60	50	76,2	81,3	67,4	56	66,7
Não sabe ou não responde	0,7	—	—	—	—	1,5	—	—

Estes quadros permitem-nos uma primeira observação relativa às variações existentes quanto às percentagens de mães domésticas quando ventiladas em função do estrato do pai.

Nos liceus, as menores percentagens de mães domésticas encontram-se nos estratos do pai 1 e 3: 47,1 % e 61,3 %, respectivamente, excluindo o caso do estrato 6. Os estratos 2, 4 e 5 apresentam valores superiores a média. Nas escolas técnicas, as mães domésticas casadas com pais de estratos 1 e 3 são mais frequentes que no liceu, passando-se o inverso no que respeita às mães ligadas a pais de estrato 5.

Distribuição da população constituída pelos inquiridos com pai e mãe de estratos socioprofissionais 1 a 6 pelo cruzamento dessas variáveis, em percentagens em relação ao total da população considerada

[QUADRO N.º 14]

Estratos das mães	Ramos e estratos dos pais													
	Liceus							Escolas técnicas						
	Total	1	2	3	4	5	6	Total	1	2	3	4	5	6
1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15
Total	100	14,8	8,2	39,3	18	14,8	4,9	100	2,6	2,6	12,8	15,4	52,6	14,1
1	8,2	4,9	1,6	1,6	—	—	—	1,3	1,3	—	—	—	—	—
2	4,9	3,3	1,6	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—
3	41	4,9	4,9	21,3	6,6	1,6	1,6	11,5	1,3	1,3	5,1	1,3	2,6	—
4	23	1,6	—	13,1	6,6	—	1,6	16,7	—	—	2,6	6,4	6,4	1,3
5	9,8	—	—	3,3	3,3	3,3	—	35,9	—	—	3,8	3,8	24,4	3,8
6	13,1	—	—	—	1,6	9,8	1,6	34,6	—	1,3	1,3	3,8	19,2	9

Analisando agora a igualdade ou dissimilaridade de estratos entre pais e mães e considerando apenas as mães activas, observa-se no quadro n.º 14 que, quer no ensino técnico quer no liceu, os casos mais frequentes são ou os de igualdade de estrato, ou os de superioridade de estrato do pai sobre o estrato da mãe, sendo os primeiros mais numerosos nas escolas técnicas e os segundos no liceu.

Mais de metade dos casos de igualdade de estrato no liceu situam-se no cruzamento de estratos 3 (21,3 % do total), fazendo-se a concentração nas escolas técnicas nos estratos 5 (24,4 %). Nos liceus, o caso mais frequente a seguir ao apontado é o dos estratos 4 (6,6 % do total) e o dos estratos 1 (4,9 %). No ensino técnico, em ordem decrescente, aparecem os casos de cruzamento de estratos 6 (9,0 %) e os de estrato 4 (6,4 %).

No que se refere à situação, também frequente, de superioridade de estrato do pai relativamente ao da mãe, como já foi dito, a percentagem nos liceus é superior à das escolas técnicas e as zonas de incidência diferenciam-se nas duas populações de forma semelhante à apontada no caso anterior: no liceu, a mais forte incidência é a do cruzamento de estrato do pai 3 e estrato da mãe 4 (13,1 %) e nas escolas técnicas é a de estrato do pai 5 e estrato da mãe 6 (19,2 %).

Quando o estrato do pai é inferior ao estrato da mãe, a frequência de casos é sensivelmente idêntica em ambos os ramos (14,6 % nos liceus e 15,4 % nas escolas técnicas), mantendo-se a diferença no que respeita às zonas de incidência.

Composição da população constituída pelos inquiridos com pai e mãe de estratos socioprofissionais 1 a 6 por estratos da mãe, em percentagens, segundo os estratos do pai

[QUADRO N.º 15]

Estratos das mães	Ramos e estratos dos pais													
	Liceus							Escolas técnicas						
	Total	1	2	3	4	5	6	Total	1	2	3	4	5	6
	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15
1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15
Total	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100
1	8,2	33,3	20	4,2	—	—	—	1,3	50	—	—	—	—	—
2	4,9	22,2	20	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—
3	41	33,3	60	54,2	36,4	11,1	33,3	11,5	50	50	40	8,3	4,9	—
4	23	11,1	—	33,3	36,4	—	33,3	16,7	—	—	20	41,7	12,2	9,1
5	9,8	—	—	8,3	18,2	22,2	—	35,9	—	—	30	25	46,3	27,3
6	13,1	—	—	—	9,1	66,7	33,3	34,6	—	50	10	25	36,6	63,6

Merece ainda um pouco de atenção a análise das variações existentes no que respeita à distribuição por estratos da mãe dos estratos do pai 3, 4 e 5, conforme se verifica no quadro n.º 15.

No liceu, mais de metade (54,2 %) dos pais do estrato 3 casados com mães com profissão são-no com mães de estrato 3, decrescendo rapida-

mente as percentagens de mães activas de estrato mais baixo. Nas escolas técnicas, a percentagem de mães de igual estrato é inferior (40 %), verificando-se que, enquanto nos liceus a percentagem de pais deste estrato casados com mães de estrato 5 é de apenas 8,3 %, nas escolas técnicas a mesma percentagem sobe a 30 %.

No caso de pais de estrato 4, no liceu, destes, 36,4 % estão casados com mães de estrato 3, contra apenas 8,3 % nas escolas técnicas. Nestas, 50 % destes pais têm mulheres de estrato 5 e 6, em face de 27,3 % de casos idênticos nos liceus.

No que se refere aos pais de estrato 5, a situação nas escolas técnicas aproxima-se do que seria de esperar: 12,2 % têm mulheres de estrato 4, 46,3 % de estrato 5 e 36,6 % de estrato 6. No liceu, a maior parte destes pais tem mulheres de estrato 6 (66,7 %), sendo que aqui, dada a elevada percentagem de mulheres domésticas, o conjunto de pais casados com mulheres activas atinge um número tão baixo (apenas 6 casos), quando comparado com o homólogo nas escolas técnicas (15), que não pode deixar de provocar uma certa distorção na ordem de grandeza das percentagens.

2.4 OS AVÓS

Continuando a análise comparada das duas populações, na perspectiva de fundamentar a ideia do privilégio relativo da população dos liceus perante a das escolas técnicas, importa-nos agora observar o que as distingue ou aproxima, no que respeita à situação social de seus avós paterno e materno, relacionando-as com a dos pais.

Focaremos aspectos que têm que ver com as condições de mobilidade — ascendente e descendente — e de igualdade de estrato, sem, porém, nos alongarmos muito em considerações relativas às suas consequências positivas (ou negativas) traduzidas em condições socioculturais mais favoráveis (ou desfavoráveis) a uma estratégia de mobilidade exprimindo-se na escolha preferencial da via mais nobre de escolarização secundária.

2.4.1 Avós paternos

No que respeita aos avós paternos, anotaremos desde já uma percentagem significativa de «não sabe» e «não responde» (como, aliás, se verificará com os avós maternos, embora em menor escala) em ambos os ramos, menos elevada, porém, nos liceus da nossa amostra do que nas escolas técnicas: 37,6 % e 45,8 % do total dos casos, respectivamente.

Verifica-se que, nos liceus, a composição social relativa aos avós paternos apresenta padrões mais elevados do que a do ensino técnico, conforme consta do quadro n.º 16.

Com base nos valores apresentados nas colunas 4 e 5 do quadro n.º 16, verifica-se que os avós de estratos 2, 3 e 4 são relativamente mais numerosos no liceu que nas escolas: 2, 2,3 vezes mais; 3, 1,7; 4, 1,6. Nas escolas técnicas, pelo contrário, são os avós de estrato 5 e 6 que se apresentam em proporções superiores às equivalentes dos liceus: 5, 1,6 vezes mais e 1,2 vezes mais, respectivamente.

Em conjunto, os estratos 1, 2 e 3 no liceu apresentam uma percentagem 2,2 vezes superior à equivalente das escolas técnicas; por sua vez, o conjunto de estratos 5 e 6 é 1,5 superior nas escolas técnicas em relação ao dos liceus.

Composição da população observada por estratos socioprofissionais dos avós paternos, em percentagens, e dimensão das populações consideradas, em números absolutos

[QUADRO N.º 16]

Estratos dos avós paternos	Total da população observada		População observada, excepto os inquiridos que responderam «não sabe» ou não responderam	
	Liceus	Escolas técnicas	Liceus	Escolas técnicas
Total	100	100	100	100
1	2,7	—	4,4	—
2	6,7	2,5	10,9	4,7
3	10,3	5,5	16,8	10,1
4	10,8	5,8	17,5	10,7
5	22,9	30,6	35,8	56,4
6	9	9,8	14,6	18,1
Não sabe ou não responde	37,6	45,8		
Dimensão da população considerada	223	275	139	149

Na distribuição no total de cada cruzamento dos valores das variáveis estrato do pai e estrato do avô paterno, os casos de igualdade de estrato atingem, em conjunto, um pouco mais de um terço em ambos os ramos, sendo ligeiramente superior nos liceus: 38 %, contra 36,6 % nas escolas técnicas, conforme o quadro n.º 17.

Distribuição da população constituída pelos inquiridos com pai e avô paterno de estratos socioprofissionais 1 a 6 pelo cruzamento dessas variáveis, em percentagens em relação ao total da população considerada

[QUADRO N.º 17]

Estratos dos avós maternos	Ramos e estratos dos pais														
	Liceus							Escolas técnicas							
	Total	1	2	3	4	5	6	Total	1	2	3	4	5	6	
	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15
Total	100	8	12,4	27	29,9	19,7	2,9	100	3,4	2	14,9	24,3	46,6	8,8	
1	4,4	4,4	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—
2	10,9	0,7	8	0,7	1,5	—	—	4,7	0,7	1,4	2	—	0,7	—	—
3	16,8	2,2	2,2	6,6	5,1	0,7	—	10,1	2	—	3,4	0,7	2,7	1,4	—
4	17,5	0,7	0,7	5,1	7,3	3,6	—	10,8	—	—	1,4	3,4	4,7	1,4	—
5	35,8	—	0,7	10,9	9,5	11,7	2,9	56,1	0,7	0,7	7,4	14,2	27,7	5,4	—
6	14,6	—	0,7	3,6	6,6	3,6	—	18,2	—	—	0,7	6,1	10,8	0,7	—

Por sua vez, os casos de mobilidade (individual) ascendente em termos de estrato do pai, em relação ao do avô paterno, são os mais frequentes, também em ambos os ramos, apresentando valor superior no liceu: 47,2 %, contra 45,4 % nas escolas técnicas.

Finalmente, os casos de mobilidade descendente considerada nos mesmos termos constituem 19 % do total dos cruzamentos de estratos nas escolas técnicas, sendo menos frequentes nos liceus, onde apenas alcançam os 14,5 %.

Não falaremos em zonas de incidência destes movimentos, nem apontaremos quais os estratos que para eles mais contribuem, pois que a leitura directa do quadro n.º 17 basta para chamar a atenção para as diferenças entre os dois ramos. Interessa-nos mais avaliar a importância relativa, para cada estrato, de cada uma dessas situações. Quais os estratos, em cada ramo, que maior estabilidade apresentam, quais os mais afectados por movimentos de mobilidade ascendente ou descendente?

Para tentar esboçar uma resposta a estas perguntas tomaremos em conta a informação contida no quadro n.º 18 relativa à distribuição do total de pais de cada estrato em função dos estratos dos avôs paternos nas subpopulações observadas dispondo da informação necessária.

Composição da população constituída pelos inquiridos com pai e avô de estrato socioprofissional 1 a 6 por estratos do avô paterno, em percentagens, segundo os estratos do pai

[QUADRO N.º 18]

Estratos dos avós paternos	Ramos e estratos dos pais														
	Liceus							Escolas técnicas							
	Total	1	2	3	4	5	6	Total	1	2	3	4	5	6	
	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15
Total	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100
1	4,4	54,5	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—
2	10,9	9,1	64,7	2,7	4,9	—	—	4,7	20	66,7	13,6	—	1,4	—	—
3	16,8	27,3	17,6	24,3	17,1	3,7	—	10,1	60	—	22,7	2,8	5,8	15,4	—
4	17,5	9,1	5,9	18,9	24,4	18,5	—	10,8	—	—	9,1	13,9	10,1	15,4	—
5	35,8	—	5,9	40,5	31,7	59,3	100	56,4	20	33,3	50	58,3	59,4	61,5	—
6	14,6	—	5,9	13,5	22	18,5	—	18,2	—	—	4,5	25	23,2	7,7	—

Nos liceus, à parte a situação do estrato do pai 2³³, a igualdade de estratos do pai e do avô paterno marca sobretudo os estratos 1 e 5, sendo que, nas escolas técnicas, só o cruzamento dos estratos 5 apresenta um valor relevante³⁴.

³³ Situação um pouco anómala neste ramo e sobretudo no ensino técnico, aliás como a do estrato 6 nos liceus da nossa amostra e a do estrato 1 nas escolas técnicas, o que deve relacionar-se com a já mencionada exiguidade dos efectivos observados.

³⁴ De resto, como pode verificar-se pelo quadro referido, nas escolas técnicas não se apresenta nenhum caso de cruzamento de estratos 1.

Comparemos um pouco mais atentamente as situações gerais dos estratos 3, 4 e 5 em cada um dos ramos.

Tanto do estrato 3 como do 4 não pode dizer-se que seja a continuidade do estrato do avô paterno para o estrato do pai que os caracteriza. Nos liceus, os cruzamentos dos estratos 3 e dos estratos 4 são, dos totais de cada um, apenas 24,3 % e 24,4 %, respectivamente. Valores ainda mais baixos se apresentam, nas mesmas condições, nas escolas técnicas: nos estratos 3, 22,7 % do total do estrato do pai e 13,9 % no estrato 4.

Estes estratos são marcados, em ambos os ramos, por movimentos de mobilidade ascendente mais fortes que os de mobilidade descendente. Porém, os valores de mobilidade ascendente são mais importantes no ensino técnico que no liceal no estrato 4, bem como no 5.

Quanto à proveniência, o estrato do pai 3 é marcado, quer nos liceus quer nas escolas técnicas, pela predominância da ascendência paterna de estrato 5, ainda que nos liceus a proveniência de estrato 4 não seja de desprezar, apresentando um valor 2,1 vezes superior à equivalente no ensino técnico. Também a proveniência do estrato 6 do avô paterno que afecta este estrato do pai no liceu se apresenta aqui numa percentagem 3 vezes mais elevada do que nas escolas técnicas.

O estrato 4 apresenta um peso significativo de ascendência de estrato 5 em ambos os ramos, sendo, porém, bastante mais elevado nas escolas técnicas: 58,3 %, contra 31,7 % no liceu.

No que respeita à mobilidade descendente, o estrato 3 apresenta no liceu um valor (2,7 %) muito inferior ao equivalente do ensino técnico (13,6 %), enquanto com os estratos 4 e 5 sucede o inverso: isto é, estes estratos são mais marcados de mobilidade descendente no liceu que no ensino técnico, como se vê pelos valores reunidos no quadro n.º 18.

Sendo, como se verá adiante, as situações de mobilidade descendente mais significativas nos casos em que o ascendente é o avô materno (dada a intervenção intermediária da mãe cujo nível de aspirações, determinado pela sua própria origem social, parece ter mais influência do que o pai nos projectos de mobilidade através da escola, levando, nas mesmas condições de estrato do pai, a uma probabilidade maior de escolha da via mais nobre do ensino secundário, o que verificamos aqui, no que respeita a um peso maior de mobilidade descendente nos estratos 4 e 5, deve apontar no mesmo sentido, revelando, assim, que a presença de, pelo menos, parte dos alunos dos liceus destes estratos deve o facto de aí estar a essa condição particular favorável.

Resta acrescentar que o estrato 1 no ensino técnico só se apresenta em situação de mobilidade ascendente (não se verificando, portanto, nenhum caso de igualdade de estrato), sendo a proveniência do estrato do avô 3 a mais relevante, enquanto nos liceus, ainda que esta também seja uma proveniência significativa, a igualdade de estrato entre o pai e o avô paterno sobreleva-a decididamente.

Convém ainda referir a situação do estrato do pai 6, a qual no liceu só apresenta casos de mobilidade descendente, situação que no ensino técnico, onde este subconjunto é bastante mais numeroso, se confirma, constituindo os casos de cruzamento de estratos 6 apenas 7,7 % do total deste estrato.

Analisada desta forma a situação, vimos a concluir que, ainda que, em conjunto, os casos de mobilidade descendente sejam mais frequentes

no ensino técnico que nos liceus da nossa amostra, aquela afecta os estratos 4 e 5 mais pesadamente no liceu que no ensino técnico. Sobretudo o estrato 4 apresenta uma diferença espectacular: 7,9 vezes superior.

2.4.2 Avós maternos

Mais uma vez, também em relação aos avós maternos se verifica que a estrutura da composição social se apresenta mais favorável nos liceus que nas escolas técnicas em que o inquérito foi ministrado, de acordo com o quadro n.º 19.

Composição da população observada por estratos socioprofissionais dos avós maternos, em percentagens, e dimensão das populações consideradas, em números absolutos

[QUADRO N.º 19]

Estratos dos avós maternos	Total da população observada		População observada, excepto os inquiridos que responderam «não sabe» ou não responderam	
	Liceus	Escolas técnicas	Liceus	Escolas técnicas
1	2	3	4	5
Total	100	100	100	100
1	4,9	—	7,4	—
2	9	1,8	13,4	3
3	10,8	3,3	16,1	5,4
4	11,6	8,4	17,5	13,9
5	20,2	34,5	30,2	57,2
6	10,3	12,4	15,4	20,5
Não sabe ou não responde	33,2	39,6		
Dimensão da população considerada	223	275	149	166

Se, nos casos dos avós paternos, as diferenças relativas entre os valores percentuais de cada estrato, de ramo para ramo, já mostrava bem como as duas populações se afastavam, agora essas diferenças acentuam-se, conforme pode ver-se no quadro n.º 20.

Não nos alongaremos em comentários sobre estes números, cujo significado é bem claro. Chamamos apenas a atenção para o facto de, sendo sempre mais favorável a composição social da população dos liceus, sendo a composição dos avós maternos mais favorável que a dos avós paternos, o resultado do reforço entre os dois factos exprime-se num maior afastamento entre liceus e escolas técnicas no caso dos avós maternos.

As variações de distribuição no total dos vários casos de cruzamento do estrato do pai com o estrato do avô materno podem ser lidas no quadro n.º 21.

Comparando os dois ramos, anotaremos apenas que o conjunto de casos de igualdade de estrato apresenta um valor superior nos liceus: 38,1 %, contra 35,9 % nas escolas técnicas. Por sua vez, a mobilidade

Medidas de comparação inter-ramos dos valores da composição da população considerada por estratos socioprofissionais dos avôs, em percentagem, apresentados nos quadros n.ºs 14 e 19, colunas 4 e 5

[QUADRO N.º 20]

Estratos	Avô paterno		Avô materno	
	Índices de comparação inter-ramos (base: escola técnica = 100)	Quocientes das relações entre os valores dos ramos *	Índices de comparação inter-ramos (base: escola técnica = 100)	Quocientes das relações entre os valores dos ramos *
1	2	3	4	5
1	—	$\frac{+ 4,4}{0}$	—	$\frac{+ 7,4}{0}$
2	232	+ 2,3	447	+ 4,5
3	166	+ 1,7	298	+ 3
4	163	+ 1,6	126	+ 1,3
5	64	— 1,6	53	— 1,9
6	81	— 1,2	75	— 1,3

* A relação é feita entre o valor mais elevado (numerador) e o menor (denominador); o sinal + significa que o valor mais elevado é o dos liceus e o sinal — significa que o valor mais elevado é o das escolas técnicas.

Distribuição da população constituída pelos inquiridos com pai e avô materno de estratos socioprofissionais 1 a 6 pelo cruzamento dessas variáveis, em percentagens em relação ao total da população considerada

[QUADRO N.º 21]

Estratos dos avôs maternos	Ramos e estratos dos pais													
	Liceus							Escolas técnicas						
	Total	1	2	3	4	5	6	Total	1	2	3	4	5	6
1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15
Total	100	10,2	12,9	23,8	29,3	21,8	2,0	100	0,6	2,4	17,1	23,2	48,2	8,5
1	7,5	5,4	1,4	—	0,7	—	—	—	—	—	—	—	—	—
2	12,9	—	6,1	2,7	2,7	1,4	—	3	—	0,6	0,6	0,6	0,6	—
3	16,3	2,7	2	4,8	6,1	0,7	—	5,5	—	—	2,4	0,6	1,8	0,6
4	17,7	1,4	2	3,4	8,8	2	—	13,4	—	0,6	3,7	1,8	6,1	1,2
5	29,9	0,7	1,4	9,5	6,1	11,6	0,7	57,3	9,0	0,6	7,9	13,4	29,9	5,5
6	15,6	—	—	3,4	4,8	6,1	1,4	20,7	—	0,6	2,4	6,7	9,8	1,2

ascendente envolve uma maior percentagem de casos nas escolas técnicas (46,3 %, ao passo que no liceu é de 43,5 %), enquanto a descendente se apresenta ligeiramente mais elevada nos liceus (18,4 %, em comparação com 17,6 % nas escolas técnicas).

Analisando no quadro n.º 22 o que se passa no interior de cada sub-conjunto estrato do pai, pode dizer-se que, excepto o estrato 5, todos os outros estratos no liceu são muito mais marcados por igualdade de estratos

do pai e do avô materno do que nas escolas técnicas. No liceu são os estratos 1 e 5 (deixando de lado o caso do estrato 6) que maiores valores apresentam. Nas escolas técnicas, só o estrato 5 se apresenta com um valor significativo de igualdade. Ainda que os valores no liceu e no ensino técnico se não afastem espectacularmente, a situação de continuidade de estrato 5 é menos pesada no liceu, parecendo, pois, que, aqui, os casos de mobilidade o afectam mais que nas escolas técnicas.

Composição da população constituída pelos inquiridos com pai e avô materno de estrato socioprofissional 1 a 6 por estratos de avô materno, em percentagens segundo os estratos do pai

[QUADRO N.º 22]

Estratos dos avós maternos	Ramos e estratos dos pais													
	Liceus							Escolas técnicas						
	Total	1	2	3	4	5	6	Total	1	2	3	4	5	6
	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15
Total	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100
1	7,5	53,3	10,5	—	2,3	—	—	—	—	—	—	—	—	—
2	12,9	—	47,4	11,4	9,3	6,3	—	3	100	25	3,6	2,6	1,3	—
3	16,3	26,7	15,8	20	20,9	3,1	—	5,5	—	—	14,3	2,6	3,8	7,1
4	17,7	13,3	15,8	14,3	30,2	9,4	—	13,4	—	25	21,4	7,9	12,7	14,3
5	29,9	6,7	10,5	40	20,9	53,1	33,3	57,3	—	25	46,4	57,9	62	64,3
6	15,6	—	—	14,3	16,3	28,1	66,7	20,7	—	25	14,3	28,9	20,3	14,3

Importa, assim, chamar a atenção para as discrepâncias que entre os dois ramos podem ser notadas no que se refere aos casos de mobilidade descendente e ascendente na comparação entre os estratos socioprofissionais do avô materno e do pai.

Tomemos os casos mais sensíveis, que são os de estrato do pai 3 e 4. Estes, ainda que apresentando valores de estabilidade bastante mais elevados no liceu, são também marcados por grandes afastamentos nos casos de mobilidade. A mobilidade ascendente mostra-se bastante mais intensa nas escolas técnicas, enquanto o movimento inverso é francamente mais pesado nos liceus, sobretudo no estrato do pai 4: em mobilidade descendente encontram-se 32,5 % dos casos observados no liceu, ao passo que nas escolas técnicas são de apenas 5,2 %.

Parece-nos legítimo ver aqui mais um elemento a vir em apoio à importância a atribuir à influência da origem social da mãe cruzada com o estrato do pai. Tratando-se de situações em que a origem social da mãe (observada através do estrato do avô paterno) é superior, parece verificar-se que a mãe, cujo estatuto baixou pelo casamento, segundo a classificação socioprofissional aplicada, tende a recuperar essa perda em termos do futuro dos filhos, favorecendo assim, no que se refere às decisões relativas à via escolar a prosseguir, os percursos escolares privilegiados.

2.5 AS HABILITAÇÕES LITERÁRIAS DOS PAIS E AVÓS

Iremos analisar seguidamente as informações que recolhemos sobre as habilitações literárias dos pais e avós dos inquiridos, tendo em conta que procuramos, com este indicador, caracterizar com mais pormenor a origem social dos estudantes que foram objecto do nosso trabalho, com vista à sua comparação por ramos de ensino. É assim que juntamos ao estudo dos estratos socioprofissionais o das habilitações literárias dos pais e avós, a seguir o dos irmãos e, por fim, o do número de parentes (tios, primos e padrinhos) com curso médio ou superior que os inquiridos conhecem nas suas famílias.

Composição da população observada por habilitações literárias dos pais e avós, em percentagens

[QUADRO N.º 23]

Graus de habilitações literárias	Pai		Mãe		Avô paterno		Avô materno	
	Liceus	Escolas técnicas	Liceus	Escolas técnicas	Liceus	Escolas técnicas	Liceus	Escolas técnicas
1	2	3	4	5	6	7	8	9
Total	100	100	100	100	100	100	100	100
Sem instrução	0,5	4,4	6,7	19,6	19,8	30,2	23,8	33,8
Instrução primária (completa ou incompleta)	45,3	68,7	61	69,8	27,8	27,3	27,4	25,8
Ensino secundário	40,3	21,7	25,1	8,8	4,9	1,1	4	1,1
Ensino secundário liceal ..	27,3	11,2	20,2	5,5	4,5	1,1	3,1	0,7
Ensino liceal, não tendo sequer uma secção do 5.º ano	11,2	7,6	8,5	2,2				
Ensino liceal, tendo, pelo menos, uma secção do 5.º ano, mas não tendo concluído o 7.º	8,5	2,5	6,3	2,9				
Ensino liceal, tendo concluído o 7.º ano	7,6	1,1	5,4	0,4				
Ensino secundário técnico ..	13	10,1	3,1	2,6	0,4	—	0,9	—
Ensino técnico, não tendo concluído o curso das escolas comerciais, industriais ou agrícolas ..	5,4	5,7	0,9	—				
Ensino técnico, tendo concluído o curso das escolas comerciais, industriais ou agrícolas ..	7,6	4,4	2,2	2,6				
Outros ensinos secundários ..	—	0,4	1,8	0,7	—	—	—	0,4
Ensino médio	2,7	1,5	0,9	—	0,4	—	1,3	—
Ensino médio incompleto ..	—	0,4	—	—				
Ensino médio completo ..	2,7	1,1	0,9	—				
Ensino superior	8,1	1,5	5,4	0,4	1,8	0,7	6,7	—
Ensino superior incompleto ..	0,9	0,4	1,4	—				
Ensino superior completo ..	7,2	1,1	4	0,4				
Não sabe	3,1	1,5	—	0,7	35	36	29,2	33,8
Não responde	—	0,7	0,9	0,7	10,3	4,7	7,6	5,5

Começaremos por ver como se distribuem as habilitações literárias do pai, mãe, avô paterno e avô materno na população inquirida, segundo os ramos de ensino, conforme consta do quadro n.º 23. A classificação de habilitações literárias feita é a que se pensou mais adequada para a população em causa e objectivos a atingir e a discriminação mais completa dos graus de habilitações literárias só foi feita para o pai e para a mãe, não se tendo considerado pertinente para os avós, até pela dificuldade de obtenção dessa informação.

A primeira observação que nos sugere este quadro é justamente a propósito do grau de dificuldade de que se reveste a recolha de informação sobre as habilitações literárias dos pais e avós por inquirido aos estudantes do ensino secundário que estudámos, tendo como base as percentagens registadas da resposta «não sabe» e da falta de resposta. Verifica-se maior desconhecimento dos inquiridos sobre os ascendentes da linha paterna (pai e avô paterno) do que sobre os da linha materna (mãe e avô materno) e ainda que, no que respeita à linha paterna, o desconhecimento é sensivelmente superior nos alunos dos liceus, ao contrário do que sucede nas respostas respeitantes à mãe e ao avô materno, nas quais se observam percentagens de falta de informação ligeiramente superiores no ensino técnico. Pode pôr-se a hipótese de que um maior contacto na vida quotidiana dos jovens inquiridos com as suas mães (92,4 % dos inquiridos tinham idades inferiores a 18 anos) lhes possibilita uma maior informação sobre a vida da mãe e do pai da mãe do que sobre os ascendentes da linha paterna, sendo este fenómeno mais intenso nos alunos do ensino liceal. Sobre o facto de nos inquiridos do ensino técnico se verificar maior percentagem de falta de informação sobre a mãe e o avô materno, em comparação com os alunos dos liceus, pode pensar-se que ele resulte de uma ocultação da realidade, especialmente por parte de inquiridos que não tenham querido responder que as suas mães ou os seus avós maternos não tinham instrução. Seja como for, parece-nos interessante registar as tendências que observámos, ainda que só tenhamos hipóteses para as explicar.

É importante ter em conta os valores observados da percentagem de falta de informação sobre os indicadores em referência, especialmente no que respeita aos avós. De facto, se percentagens que variam entre 0,9 % e 3,1 %, registadas, respectivamente, sobre a mãe e o pai, no liceu, são aceitáveis e não levantam, *a priori*, dificuldades significativas no tratamento dos valores registados sobre a distribuição das habilitações literárias do pai e da mãe, já as percentagens de falta de informação verificadas nos avós, tendo como valores extremos 36,8 % e 45,3 %, respectivamente, no avô materno e no avô paterno, no liceu, são muito significativas, afectando grandemente a representatividade das distribuições apresentadas, do que resulta a necessidade de adoptar precauções especiais no tratamento destas variáveis.

Em segundo lugar, registem-se, desde já, as primeiras conclusões de ordem geral que a observação do quadro permite: as habilitações dos pais (pais e mães) são superiores às dos avós, notando-se uma clara elevação do nível de habilitações literárias entre as duas gerações; as habilitações literárias dos pais e avós dos alunos dos liceus são superiores às dos alunos das escolas técnicas; as habilitações dos pais são superiores às das mães; e as habilitações dos avós maternos são superiores às dos avós paternos, no liceu, ao passo que nos inquiridos do ensino técnico se verifica o contrário.

É necessário, no entanto, determo-nos com algum pormenor na análise de cada distribuição, na perspectiva que neste trabalho nos interessa, ou seja, comparando os dois ramos de ensino.

Os graus de habilitações literárias dos pais distribuem-se, na população que observámos, segundo um perfil muito enviezado, provocado pelas altas percentagens de pais com instrução primária completa ou incompleta. Com efeito, a classe modal da distribuição apresentada atinge os elevados valores de percentagem de 45,3 no liceu e 68,7 nas escolas técnicas. Nas suas linhas gerais, as distribuições de ambos os ramos de ensino são semelhantes, coincidindo não só na classe modal, como nas classes que registam os valores mais baixos: «outros ensinos secundários» (com 0,0 % no liceu e 0,4 % nas escolas técnicas), «ensino médio incompleto» (com 0,0 % no liceu e 0,4 % nas escolas técnicas) e ainda em «não responde» (com 0,0 % no liceu e 0,7 % nas escolas técnicas), se bem que esta última classe tenha um significado diferente na distribuição.

Contudo, além destes pontos comuns, as duas séries de valores não são iguais — pelo contrário, apresentam diferenças significativas. Comparando os pares de valores de cada grau de habilitações literárias do pai nos dois ramos de ensino, verifica-se que apenas em três o ensino técnico tem valores superiores aos do liceu e que essas três classes são, justamente, os graus de habilitações literárias inferiores: «sem instrução», cuja percentagem é 8,8 vezes superior à do liceu; «instrução primária», 1,5 vezes superior à do liceu, e «ensino técnico, não tendo concluído o curso das escolas comerciais, industriais ou agrícolas», 1,1 vezes superior à do liceu. Em todas as outras classes, os valores do liceu são mais elevados, atingindo a diferença uma maior intensidade nas classes «ensino liceal tendo concluído o 7.º ano», cuja percentagem é 6,9 vezes superior à das escolas técnicas, e «ensino superior completo», 6,6 vezes.

Os valores calculados revelam, de facto, uma nítida superioridade das habilitações dos pais dos estudantes inquiridos do ensino liceal em relação aos do ensino técnico, não só porque nos extremos da escala ordenada de habilitações as concentrações são diferentes, como ainda porque, onde a classificação permite distinguir os graus de escolaridade atingidos dentro de cada grau de ensino, se verifica que a série de valores dos inquiridos do ensino liceal chama a si valores de relação de superioridade mais nítida nos graus correspondentes a escolaridades completas.

De acordo com as respostas que obtivemos no nosso inquérito, verificamos que 92,3 % dos estudantes filhos de pais sem instrução estão no ensino técnico e que 65,2 % dos filhos de pais com instrução primária estão também nas escolas técnicas. E que 85 % dos filhos de pais com o 7.º ano do liceu são alunos do liceu, assim como 84,2 % dos filhos de pais com curso superior completo.

Parece-nos claro que os estudantes do ensino liceal que observámos são filhos de pais com habilitações literárias superiores aos pais dos alunos das escolas técnicas que foram objecto do nosso trabalho.

As distribuições das habilitações literárias das mães, por graus, em percentagens, apresentam-se, em ambos os ramos de ensino, com um pólo de concentração muito nítido na classe «instrução primária», e em qualquer delas, mas especialmente nas mães dos inquiridos do ensino técnico, o

conjunto dos valores observados nas classes «sem instrução», «instrução primária» e «ensino secundário» atinge números elevadíssimos, de 92,8 % no liceu e 98,2 % nas escolas técnicas. Mães com habilitações do ensino médio e do ensino superior são apenas 6,3 % no liceu e quase não existem no ensino técnico (0,4 %). A distribuição das habilitações das mães dos inquiridos do ensino técnico é, assim, altamente concentrada nas classes mais baixas da escala de habilitações, sendo de 90 %, praticamente, a percentagem de mães que não têm instrução (quase 20 %), ou têm apenas a instrução primária (cerca de 70 %). Este grau de concentração parece-nos a característica mais relevante das distribuições em análise.

Os valores observados na distribuição do liceu são sempre superiores aos das escolas técnicas, excepto nas duas primeiras classes, isto é, «sem instrução» (2,9 vezes superior no ensino técnico em relação ao liceu) e «instrução primária» (1,1 vezes superior no ensino técnico) e ainda em «ensino técnico, tendo concluído o curso das escolas comerciais, industriais ou agrícolas» (1,2 vezes superior no ensino técnico). A relação entre os valores do liceu e os das escolas técnicas atinge nas classes «ensino liceal, tendo concluído o 7.º ano» e «ensino superior» o elevado quociente de 13,5, revelador de uma forte superioridade dos valores do liceu, a qual se verifica também na classe «ensino superior completo», onde a percentagem no liceu é 10 vezes superior à das escolas técnicas. Observam-se ainda outros quocientes significativos na relação entre as percentagens das classes que compõem a rubrica «ensino secundário», em particular no «ensino liceal» e, especialmente, «ensino liceal, não tendo sequer uma secção do 5.º ano» (o valor do liceu é 3,9 vezes superior ao do ensino técnico).

Com efeito, é sobretudo ao nível das diversas classes incluídas no ensino secundário que se compensa a clara diferença de percentagens verificada, em termos absolutos, na classe «sem instrução», facto que diferencia com bastante nitidez as duas distribuições. Essa diferença projecta-se e confirma-se, aliás, nos valores do ensino superior.

Estamos, portanto, mais uma vez perante duas distribuições diferentes, sendo as habilitações das mães dos estudantes dos liceus inquiridos superiores às das mães dos seus colegas que frequentam as escolas do ensino técnico³⁵.

As distribuições das habilitações literárias dos avós apresentadas no quadro n.º 23 estão, como já dissemos, profundamente afectadas pelas altas percentagens de respostas «não sabe» e «não responde». Os breves comentários que iremos fazer sobre as habilitações literárias dos avós

³⁵ A título de comparação com as distribuições apresentadas da população observada pelas habilitações literárias dos pais e das mães, limitamo-nos a apresentar os elementos estatísticos publicados no 11.º Recenseamento da População, 1970, respeitantes à distribuição das habilitações literárias, completas ou incompletas, na população residente no continente e Ilhas, com idades entre os 30 e os 49 anos, grupo etário que deverá corresponder sensivelmente ao dos pais e mães da população observada, em percentagens:

Habilitações	Homens	Mulheres
Sem instrução	27,4	40,6
Instrução primária	58	50,2
Ensino secundário	9,8	6,5
Ensino médio	0,3	0,1
Ensino superior	2,9	1,2

fundar-se-ão, por isso, nos elementos que apresentamos no quadro n.º 24. Trata-se das distribuições em percentagens calculadas exclusivamente sobre o total das respostas com informações úteis, isto é, todas as respostas diferentes de «não sabe» e «não responde». A qualidade de informação recolhida está, neste caso, muito diminuída pela reduzida dimensão das populações consideradas, conforme consta do quadro, não dispondo de uma base de informação suficientemente representativa.

Composição da população que forneceu a informação necessária por habilitações literárias dos avós, em percentagens, e dimensão das populações consideradas, em números absolutos

[QUADRO N.º 24]

Grau de habilitações literárias	Avô paterno		Avô materno	
	Liceus	Escolas técnicas	Liceus	Escolas
1	2	3	4	5
Total	100	100	100	100
Sem instrução	36,1	50,9	37,6	55,7
Instrução primária (completa ou incompleta)	50,8	46	43,3	42,5
Ensino secundário	9	1,9	6,4	1,8
Ensino liceal (completo ou incompleto) ...	8,2	1,9	5	1,2
Ensino secundário técnico (completo ou incompleto)	0,8	—	1,4	—
Outros ensinos secundários	—	—	—	0,6
Ensino médio (completo ou incompleto) ...	0,8	—	2,1	—
Ensino superior (completo ou incompleto) ...	3,3	1,2	10,6	—
Dimensão da população considerada	122	163	141	167

Limitar-nos-emos, por estas razões, a destacar alguns aspectos que, apesar de tudo, se nos afiguram interessantes. Em primeiro lugar, é de realçar o facto de as classes modais serem diferentes conforme o ramo de ensino dos inquiridos: nos avós dos alunos do ensino liceal, a maior concentração é na classe «instrução primária», ao passo que nos avós dos alunos do ensino técnico é na classe «sem instrução», sendo, neste caso, os valores superiores a 50 %. De qualquer modo, em qualquer das distribuições, a soma das percentagens registadas nas duas classes indicadas sobe a valores de 80,9 % e 86,9 % no liceu e de 96,9 % e 98,2 % no ensino técnico, o que significa que os restantes graus de habilitações literárias são praticamente inexistentes entre os avós dos alunos das escolas técnicas. Em segundo lugar, os valores apresentados são suficientemente elucidativos para se poder pensar que, na população inquirida, os avós dos alunos do ensino liceal têm habilitações literárias superiores aos avós dos estudantes das escolas técnicas. As diferenças são especialmente mais vincadas ao nível dos graus do ensino médio (não apareceu nenhum avô de aluno do ensino técnico com este grau de habilitação), do ensino superior e do ensino secundário (é curioso notar que não se encontrou nenhum avô de inquirido do ensino técnico que tenha frequentado este ramo de ensino) e mais esbatidas na instrução primária.

Finalmente, verificamos que as habilitações dos avós maternos são superiores às dos avós paternos nas populações consideradas do ensino liceal, sucedendo o inverso no ensino técnico. A primeira verificação baseia-se na clara superioridade dos valores registados nas classes «ensino médio» (2,6 vezes superior) e «ensino superior» (3,2 vezes superior). É de lembrar que todos estes valores, e designadamente a percentagem de 10,6 % de avós maternos de inquiridos do ensino liceal habilitados com o ensino superior (completo ou incompleto), estão necessariamente afectados por uma forte aleatoriedade devida à constituição das populações consideradas.

Apresentadas as distribuições separadas das habilitações literárias do pai, da mãe, do avô paterno e do avô materno, e tecidos alguns comentários a seu respeito, deter-nos-emos agora nos dois cruzamentos que consideramos de maior relevância para o nosso estudo, de acordo com a perspectiva de análise que definimos. Iremos estudar a relação entre as habilitações literárias do pai e da mãe dos inquiridos como elemento que contribua para uma caracterização do meio sociocultural de origem da população observada e, com esse mesmo objectivo, por via do estudo dos elementos apurados sobre o fenómeno da mobilidade sociocultural no meio familiar de origem, abordaremos as relações entre as habilitações literárias do pai e do avô paterno, apesar das limitações a que nos vemos sujeitos para tratar desta questão, derivadas da qualidade das informações obtidas sobre as habilitações literárias dos avós.

2.5.1 O cruzamento das habilitações literárias dos pais e das mães

A distribuição da população observada pelo cruzamento das habilitações literárias dos pais e das mães é apresentada nos quadros n.ºs 25 e 26, em percentagens em relação ao total das populações consideradas nos liceus e nas escolas técnicas. É o ponto de partida que elaborámos para fundamentar o trabalho sobre o tema em análise.

Distribuição da população observada pelo cruzamento das habilitações literárias do pai e da mãe, em percentagens em relação ao total da população considerada (liceus)

[QUADRO N.º 25]

Habilitações da mãe	Habilitações do pai								
	Total	Sem instrução	Instrução primária	Ensino liceal	Ensino secundário técnico	Outros ensinos secundários	Ensino médio	Ensino superior	Não sabe ou não responde
1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
Total	100	0,5	45,3	27,3	13	—	2,7	8,1	3,1
Sem instrução	6,7	—	5,8	0,9	—	—	—	—	2,2
Instrução primária	61	0,5	36,3	13,9	7,2	—	0,9	—	0,4
Ensino liceal	20,2	—	2,2	10,3	2,7	—	1,8	2,7	—
Ensino secundário técnico	3,1	—	—	1,3	1,8	—	—	—	—
Outros ensinos secundários	1,8	—	0,4	—	0,4	—	—	0,9	—
Ensino médio	0,9	—	0,4	—	—	—	—	0,4	0,4
Ensino superior	5,4	—	—	0,4	0,4	—	—	4	—
Não sabe ou não responde	0,9	—	—	0,4	0,4	—	—	—	—

Distribuição da população observada pelo cruzamento das habilitações literárias do pai e da mãe, em percentagens em relação ao total da população considerada (escolas técnicas)

[QUADRO N.º 26]

Habilitações da mãe	Habilitações do pai								
	Total	Sem instrução	Instrução primária	Ensino liceal	Ensino secundário técnico	Outros ensinos secundários	Ensino médio	Ensino superior	Não sabe ou não responde
1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
Total	100	4,4	68,7	11,2	10,1	0,4	1,5	1,5	2,2
Sem instrução	19,6	1,5	14,9	1,1	1,5	—	—	—	0,7
Instrução primária	69,8	2,9	49,8	8	6,5	0,4	0,7	0,4	1,1
Ensino liceal	5,5	—	1,8	1,8	1,1	—	0,7	—	—
Ensino secundário técnico ...	2,6	—	0,7	0,4	0,7	—	—	0,7	—
Outros ensinos secundários ...	0,7	—	0,4	—	0,4	—	—	—	—
Ensino médio	—	—	—	—	—	—	—	—	—
Ensino superior	0,4	—	—	—	—	—	—	0,4	—
Não sabe ou não responde ...	1,4	—	1,1	—	—	—	—	—	0,4

Como já vimos, as habilitações literárias dos pais são superiores às das mães, tanto nos liceus como nas escolas técnicas. As mães apresentam valores mais elevados nas habilitações mais baixas, especialmente na classe «sem instrução», onde a relação entre os valores das mães e dos pais é favorável às primeiras na ordem das 16,8 vezes mais nos liceus e 4,5 vezes nas escolas técnicas. Pelo contrário, as classes onde os valores dos pais são fortes em relação aos das mães são, nos liceus, o ensino médio, cuja percentagem é 3 vezes superior à das mães, e nas escolas técnicas a do ensino secundário técnico, 4,1 vezes superior.

A classe que nas duas distribuições — dos pais e das mães — concentra valores mais altos é a mesma em ambos os ramos de ensino, variando, no entanto, o valor apresentado entre 69,8 % e 45,3 %, nas mães das escolas técnicas e nos pais dos liceus, respectivamente: é a «instrução primária».

Mas os valores que se lhe seguem, em ordem decrescente, já apresentam uma diferença significativa: verificam-se na classe «ensino liceal» nos pais e nas mães dos liceus e ainda nos pais das escolas técnicas (com os valores de 27,4 %, 20,2 % e 11,3 %, respectivamente), mas na distribuição correspondente às mães dos inquiridos das escolas técnicas observa-se na classe «sem instrução» com o elevado valor de quase 20 %.

Recordaremos apenas, antes de passarmos a analisar os cruzamentos propriamente ditos, que os inquiridos tiveram mais dificuldade em prestar a informação sobre as habilitações literárias dos seus pais do que sobre as mães, tanto nos liceus como nas escolas técnicas, e mais entre os primeiros do que nos segundos, e que a percentagem menor de falta de informação se registou sobre as mães dos alunos dos liceus.

A comparação por ramos de ensino dos valores percentuais de cruzamento de habilitações que constam dos quadros n.ºs 25 e 26 leva a identificar a classe de maior concentração que é comum nos dois ramos: trata-se do

cruzamento de pai e mãe com a instrução primária. Só que, se, nas escolas técnicas, metade dos inquiridos são filhos de pai e mãe com a instrução primária, nos liceus isso verifica-se para pouco mais de um terço. Já os valores mais importantes que se observam a seguir, em ordem decrescente, são diferentes, visto que nas escolas técnicas é o cruzamento de pai com a instrução primária e mãe sem instrução (14,9 %) e nos liceus é o cruzamento de pai com ensino liceal e mãe com instrução primária (13,9 %). Do mesmo modo, também o terceiro valor mais elevado de cruzamento se localiza em pontos diferentes dos quadros de cada ramo e o dos liceus corresponde a habilitações superiores ao das escolas técnicas.

De acordo com os valores registados, verificamos que a distribuição do número de inquiridos por cada tipo de cruzamento de habilitações literárias do pai e da mãe pelos dois ramos de ensino se apresenta com valores percentuais mais elevados para o ensino técnico quando os graus de habilitações cruzados são baixos, especialmente quando as mães têm habilitações das duas primeiras classes da classificação adoptada, ou seja, sem instrução e instrução primária: em todos os casos observados, essa percentagem é igual ou superior a 50 %, excepto se o pai tiver habilitações conferidas pelo ensino liceal. Ou seja, o facto de a mãe não ter instrução, ou até de ter apenas a instrução primária, surge como uma condição relevante para que o filho frequente o ensino técnico.

As informações que obtivemos no nosso inquérito permitem-nos igualmente verificar que há diferenças entre os liceus e as escolas técnicas no que respeita às habilitações literárias mais frequentes de cada um dos progenitores dos inquiridos em cada uma das classes de habilitações do outro. Assim, se, nas escolas técnicas, a habilitação literária mais frequente (igual ou superior a 50 %) da mãe é a instrução primária em todas as classes de habilitação literária mais frequente nas mães casadas com pais sem insclasses, ou seja, «ensino médio» (onde coexiste com o ensino liceal) e «ensino superior» (onde a classe mais frequente é a de «ensino secundário técnico»), nos liceus observa-se que é igualmente a instrução primária a habilitação literária mais frequente nas mães casadas com pais sem instrução, com instrução primária, ou com habilitações do ensino liceal e do ensino técnico, ao passo que, quando os pais possuem habilitações das duas últimas classes, as mães apresentam uma concentração da ordem dos 50 % ou mais no «ensino liceal» e no «ensino superior», respectivamente. Por outro lado, nos liceus, as mães sem instrução ou com instrução primária estão casadas, na sua maior parte, com pais que têm a instrução primária, e o mesmo sucede nas escolas técnicas, mas já as mães com ensino liceal se distribuem de forma diferente conforme os ramos dos inquiridos: nos liceus, elas concentram-se maioritariamente na classe de igual habilitação dos pais, ao passo que nas escolas técnicas se dispersam por várias, atingindo os maiores valores (33,3 %) nas classes de instrução primária e ensino liceal dos pais. Algo de semelhante ocorre com as mães que frequentaram ou concluíram o ensino secundário técnico, visto que, nos liceus, se concentram maioritariamente na classe de habilitações homóloga dos pais e nas escolas técnicas se dividem por várias habilitações dos pais. As mães com habilitações literárias de outros ensinos secundários, ou dos ensinos médio ou superior, concentram-se, no liceu, com valores não inferiores a 50 % na classe de ensino superior dos pais, concentração essa que, nas mães do ensino técnico, só ocorre naquelas que têm também habilitações do ensino superior.

Tendo como ponto de referência as distribuições das habilitações literárias dos pais e das mães, os cruzamentos que registam um maior índice de intensidade de preferência são, tanto nos liceus como nas escolas técnicas, mães com habilitações do ensino superior com pais do mesmo nível de habilitações, ao passo que o índice menor se regista, nos liceus, no cruzamento de mães que frequentaram ou concluíram o liceu com pais com a instrução primária e, nas escolas técnicas, no de mães com a instrução primária com pais possuindo habilitações do ensino superior.

De acordo com os quadros n.^{os} 25 e 26, verificamos que, no que respeita à comparação das habilitações literárias dos seus progenitores, os inquiridos dos dois ramos de ensino se encontram em condições sensivelmente iguais: com cerca de 60 % sucede que pai e mãe têm habilitações literárias do mesmo grau³⁶, com 36 % verifica-se que o pai tem habilitações de grau superior à mãe e nos restantes é a mãe que tem um grau de habilitações literárias superior ao pai.

De uma forma sintética, poderemos, pois, concluir que se verifica na população considerada que os inquiridos cujos pais (pai e mãe) têm menores habilitações literárias se concentram maioritariamente nas escolas técnicas, designadamente quando a mãe não tem instrução, tem a instrução primária ou habilitações do ensino técnico. Pelo contrário, se ambos os progenitores frequentaram ou concluíram os ensinos liceal, médio ou superior, os filhos dirigiram-se maioritariamente ou exclusivamente para os liceus.

2.5.2 *O cruzamento das habilitações literárias dos pais e dos avôs paternos*

A comparação entre as habilitações literárias dos pais e dos avôs paternos indicados pelos inquiridos neste estudo é de grande interesse, porque é uma fonte de informações importante para o estudo da mobilidade socio-cultural ocorrida na linha de ascendência masculina, entre as gerações de avô paterno e do pai, nas populações observadas. As informações assim obtidas, conjugadas com as que já apresentámos atrás a propósito dos estratos socioprofissionais, deveriam ajudar-nos a delinear com maior pormenor as características sociais mais relevantes dos estudantes dos liceus e das escolas técnicas que foram abrangidos no nosso inquérito.

Sucedo, todavia, que, como já referimos, se registou uma elevada percentagem de inquiridos, tanto dos liceus (35 %) como das escolas técnicas (36 %), que não prestaram a informação pedida nos questionários sobre as habilitações literárias do avô paterno. Apesar disso, resolvemos apresentar alguns resultados que nos parecem de maior interesse obtidos a partir das informações recolhidas, com todas as reservas que eles merecem. De facto, as populações que servem de objecto à análise deste tema passam dos efectivos de 223 para 117 inquiridos nos liceus e de 275 para 162 inquiridos nas escolas técnicas, que tantos foram os que, em cada ramo de ensino, forneceram as informações pedidas sobre as habilitações literárias do pai e do avô paterno.

As populações constituídas em cada ramo de ensino pelos inquiridos que prestaram as informações pedidas sobre as habilitações literárias do pai e do avô paterno distribuem-se pelo cruzamento destas duas variáveis conforme se apresenta no quadro n.º 27.

³⁶ Consideram-se graus os seguintes: «sem instrução», «instrução primária», «ensino secundário», «ensino médio» e «ensino superior».

Distribuição da população constituída pelos inquiridos com pai e avô paterno com habilitações literárias conhecidas pelo cruzamento das habilitações do pai e do avô paterno, em percentagens em relação ao total da população considerada

[QUADRO N.º 27]

Habilitações dos avós maternos	Ramos e habilitações dos pais															
	Liceus								Escolas técnicas							
	Total	Sem instrução	Instrução primária	Ensino liceal	Ensino secundário técnico	Outros ensinos secundários	Ensino médio	Ensino superior	Total	Sem instrução	Instrução primária	Ensino liceal	Ensino secundário técnico	Outros ensinos secundários	Ensino médio	Ensino superior
	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17
1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17
Total	100	—	48,7	32,5	13,7	—	1,7	3,4	100	4,9	69,8	8,6	11,1	0,6	2,5	2,5
Sem instrução	36,8	—	26,5	8,6	1,7	—	—	—	50,6	3,7	40,7	3,1	2,5	—	0,6	—
Instrução primária	49,6	—	21,4	17,1	10,3	—	0,8	—	46,3	1,2	29	4,9	8,6	0,6	1,2	0,6
Ensino liceal	8,6	—	0,8	5,1	1,7	—	—	0,8	1,9	—	—	0,6	—	—	—	1,2
Ensino secundário técnico	0,8	—	—	0,8	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—
Outros ensinos secundários	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—
Ensino médio	0,8	—	—	—	—	—	0,8	—	—	—	—	—	—	—	—	—
Ensino superior	3,4	—	—	0,8	—	—	—	2,6	1,2	—	—	—	—	—	0,6	0,6

Composição da população constituída pelos inquiridos com pai e avô paterno com habilitações literárias conhecidas por graus de habilitações literárias do avô paterno, em percentagens segundo os graus de habilitações literárias do pai

[QUADRO N.º 28]

Habilitações dos avós paternos	Ramos e habilitações dos pais															
	Liceus								Escolas técnicas							
	Total	Sem instrução	Instrução primária	Ensino liceal	Ensino secundário técnico	Outros ensinos secundários	Ensino médio	Ensino superior	Total	Sem instrução	Instrução primária	Ensino liceal	Ensino secundário técnico	Outros ensinos secundários	Ensino médio	Ensino superior
1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17
Total	100	—	100	100	100	—	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100
Sem instrução	36,8	—	54,4	26,3	12,5	—	—	—	50,6	75,0	58,4	35,7	22,2	—	25,0	—
Instrução primária	49,6	—	43,9	52,6	75,0	—	50,0	—	46,3	25,0	41,6	57,1	77,8	100	50,0	25,0
Ensino liceal	8,6	—	1,8	15,8	12,5	—	—	25,0	1,9	—	—	7,2	—	—	—	50,0
Ensino secundário técnico	0,8	—	—	2,6	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—
Outros ensinos secundários	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—
Ensino médio	0,8	—	—	—	—	—	50,0	—	—	—	—	—	—	—	—	—
Ensino superior	3,4	—	2,6	1,7	—	—	—	75,0	1,2	—	—	—	—	—	25,0	25,0

A classe de cruzamento com maior valor de percentagem é a mesma nos quadros dos liceus e das escolas técnicas, mas os valores que apresenta são significativamente diferentes: 40,7 % nas escolas técnicas e 26,5 % nos liceus, ambos no cruzamento do pai com instrução primária e avô paterno sem instrução. O segundo valor mais elevado verifica-se nas duas populações no cruzamento de pai e avô paterno com instrução primária, sendo ainda aqui a percentagem dos inquiridos do ensino técnico superior à dos seus colegas do liceu. Depois das semelhanças e das diferenças apontadas, o que os restantes valores do quadro mostram, sobretudo aqueles em que há valores homólogos nas duas populações, é que nos liceus a população se distribui de modo que se alcançam valores mais elevados do que nas escolas técnicas nos cruzamentos de habilitações mais elevadas, designadamente quando os pais e os avôs paternos têm habilitações do ensino liceal: é justamente na classe do cruzamento de pais e avôs paternos, ambos os grupos com o ensino liceal, que o valor registado nos liceus alcança uma maior relação de superioridade sobre o valor homólogo das escolas técnicas (8,5), logo seguido pelo cruzamento de pai e avô paterno, ambos com ensino superior (4,3).

A distribuição dos inquiridos considerados pelos ramos de ensino segundo o cruzamento das variáveis que estamos a considerar apresenta, em linhas gerais, uma clara tendência para os inquiridos que têm avôs paternos sem instrução ou instrução primária serem, na sua maioria, alunos das escolas técnicas, excepto se o pai tiver habilitações do ensino liceal.

Os elementos recolhidos foram tratados conforme se apresenta no quadro n.º 28, para mostrar mais claramente a mobilidade em termos de habilitações literárias dos pais em relação aos avôs paternos dos inquiridos.

Registe-se, em primeiro lugar, que as percentagens dos casos em que há diferença de grau de habilitações literárias³⁷ entre pai e avô paterno são de tipo muito semelhante nos dois ramos de ensino: nos liceus verifica-se uma igualdade de grau em 32 % dos inquiridos, superioridade do grau do pai em 66 % e inferioridade em relação ao do avô paterno em 2 %; nas escolas técnicas, essas percentagens são, respectivamente, de 34 %, 64 % e 2 %. O que se verifica, portanto, é que as diferenças de condições culturais, medidas pelos dois indicadores que estamos a utilizar, entre as duas populações observadas se deve, não tanto a uma maior mobilidade ascendente em termos de habilitações literárias dos pais dos alunos dos liceus, mas sim, principalmente, ao facto de os seus avôs paternos apresentarem habilitações literárias mais elevadas do que os avôs paternos dos inquiridos das escolas técnicas. Não obstante, é de notar que os pais de inquiridos dos liceus cujos avôs paternos não têm instrução, ou têm apenas instrução primária, alcançaram em maior percentagem habilitações do ensino liceal do que os pais em iguais circunstâncias do ensino técnico, os quais se quedaram, em maior número, na instrução primária.

É interessante verificar no quadro n.º 28 que os valores mais elevados, excluindo a distribuição irrelevante da coluna 15, que se refere a um único caso observado, têm um ponto comum no valor muito elevado de pais com ensino técnico secundário cujos pais têm a instrução primária: 77,8 % nas escolas técnicas e 75 % nos liceus. Mas, além desse, apresentam uma diferença que, na sua força simbólica, resume o que extraímos de conclusão deste tema: é que, nos liceus, 75 % dos pais com ensino superior

³⁷ Ver nota 36.

são filhos de pais com ensino superior; nas escolas técnicas, 75 % dos pais sem instrução são filhos de pais sem instrução.

2.6 OS IRMÃOS — DESTINOS PESSOAIS E DESTINOS DE CLASSE

Tomar, no caso presente, como referente para a caracterização social de uma população a situação dos inquiridos relativamente a irmãos é partir do princípio de que a relação em que se encontram com o sistema escolar (isto é, no caso em análise, de estar no ensino liceal ou técnico) não é mero produto de uma trajectória isolada, mas que nela conflui e se exprime um conjunto complexo de determinações que, mais que definir um destino pessoal, delimitam o âmbito do que tem de se considerar como um destino de classe.

Quer isto dizer que só no quadro das referências que constituem o que se pode chamar as estratégias sociais das classes e estratos sociais, nas suas formas específicas de reprodução, de mobilidade ou de resistência/trans-formação, se pode determinar o que na posição dos agentes em determinados pontos da estrutura social obedece à regra ou constitui a excepção, sendo que, ainda, só aí, em condições singulares, mas sempre sociais, pode ser achado o princípio explicativo para a própria excepção.

Dentre os elementos que, em termos de estratégias de conservação ou de mobilidade, podem interferir com decisões relativas ao investimento escolar para os filhos, a «decisão» relativa à fecundidade familiar é um dos mais relevantes. Não podemos, porém, desde já deixar de lembrar que as formas e os efeitos deste factor se diferenciam consoante as condições sociais dos grupos ou classes (consoante o seu lugar na estrutura das relações entre as classes, medida pela sua situação presente, mas também pela trajectória que se define por uma igual, mais baixa ou mais elevada situação relativamente aos ascendentes).

Por outro lado, as situações sociais dos irmãos (níveis de instrução atingidos, profissões que desempenham, etc.) devem ser lidas enquanto elementos de convergência ou disrupção que permitam avaliar da homogeneidade ou heterogeneidade das condições sociais de cada estrato, conforme se trate de uma ou de outra das populações escolares do ensino secundário.

Por isso, achamos útil, neste primeiro trabalho, avançar umas tantas informações relativas aos irmãos dos estudantes que foram objecto do nosso inquérito.

2.6.1 *Dimensão das famílias e estratégias das classes*

Começaremos por nos referir ao número de irmãos, ou, melhor, à dimensão das famílias, analisando o quadro n.º 29, que dá conta das variações existentes de estrato para estrato e de ramo para ramo.

No total da nossa amostra encontramos um número médio de filhos por família de 2,3: Ainda no conjunto das duas populações inquiridas, verificamos que este valor, ventilado por estrato socioprofissional do pai, apresenta variações que vão dos 3,9 do estrato 1 aos 2 do estrato 6. Verificamos mais que, à parte os casos dos estratos 2 e 4³⁸, o número médio de

³⁸ O estrato 2, sobretudo presente nos liceus da nossa amostra, é marcado pela circunstância particular de ser constituído principalmente por elementos do meio

Número de inquiridos e de irmãos e número médio de filhos por família dos inquiridos, segundo os estratos socioprofissionais dos pais

[QUADRO N.º 29]

Inquiridos e irmãos		Estratos dos pais						
		Total	1	2	3	4	5	6
1		2	3	4	5	6	7	8
Total da população observada	Total de inquiridos	498	22	27	104	128	178	31
	Número de inquiridos que não têm irmãos	145	—	5	32	36	59	13
	Número de inquiridos que têm irmãos	353	22	22	72	92	119	18
	Total de irmãos	661	64	28	144	147	232	31
	Número médio de filhos por família	2,3	3,9	2	2,4	2,1	2,3	2
Liceus	Total de inquiridos	223	17	23	62	64	46	6
	Número de inquiridos que não têm irmãos	54	—	3	17	14	19	1
	Número de inquiridos que têm irmãos	169	17	20	45	50	27	5
	Total de irmãos	320	55	26	94	74	49	10
	Número médio de filhos por família	2,4	4,2	2,1	2,5	2,2	2,1	2,7
Escolas técnicas	Total de inquiridos	275	5	4	42	64	132	25
	Número de inquiridos que não têm irmãos	91	—	2	15	22	40	12
	Número de inquiridos que têm irmãos	184	5	2	27	42	92	13
	Total de irmãos	341	9	2	50	73	183	21
	Número médio de filhos por família	2,2	2,8	1,5	2,2	2,1	2,4	1,8

Notas. — 1. Os totais não correspondem à soma dos estratos por não figurarem no quadro os elementos referentes à resposta «não sabe» e à falta de resposta respeitantes ao estrato do pai, os quais estão incluídos nos totais. 2. O número médio de filhos por família é o quociente de

$$\frac{\text{número de inquiridos} + \text{número de irmãos}}{\text{número de inquiridos}}$$

filhos decresce mais ou menos regularmente à medida que se desce de estrato. Tal situação, tratando-se de uma população de escolarizados, não nos surpreende.

Tendo em conta que é nas famílias de mais elevado e de mais baixo estrato que há tendências mais marcadas para um maior número de filhos; tendo em conta, também, que, se um projecto de mobilidade, para os estratos mais baixos, mas não para os menos baixos, impõe, em troca de um

rural, situação que envolve, no caso aqui em análise, um conjunto complexo de condições determinantes dos níveis de fecundidade que não podemos aprofundar neste momento, aprofundamento que um estudo exploratório como o presente não justificaria.

investimento no futuro escolar dos filhos, uma certa forma de malthusianismo, não é de estranhar que entre o mais elevado e os mais baixos estratos se verifiquem essas diferenças.

Comparando agora os dois ramos, estabeleceremos um confronto sempre em volta de um dado estrato socioprofissional.

Se aplicássemos mecanicamente a mesma lógica que para o conjunto de escolarizados nos tornou compreensível o decréscimo do número médio de filhos em função do estrato socioprofissional do pai, a nossa hipótese seria agora a de que essa restrição de fecundidade tenderia a acentuar-se no interior da população dos liceus, na medida em que a «opção» por esta via implicaria um investimento escolar mais longo e, portanto, mais pesado.

Porém, é praticamente o inverso que se verifica. De facto, no total, o número médio de filhos é ligeiramente superior nos liceus. E o mesmo se passa em todos os estratos³⁹, excepto no estrato 5. Parece-nos, no entanto, que esta excepção pode ser instrutiva. Analisemos as situações particulares de alguns estratos.

O estrato 1 apresenta razoáveis diferenças de valor entre o liceu e o ensino técnico⁴⁰: 4,2 o número médio de filhos nos liceus e 2,8 nas escolas técnicas. Neste caso, a explicação talvez possa encontrar-se em diferenças de trajectória social que as próprias famílias seguiram, ainda que actualmente todos se encontrem no mesmo estrato. Se recordarmos o que atrás é dito sobre os pesos diferenciais de igualdade de estrato, de mobilidade ascendente e descendente (medidas através dos cruzamentos de estrato do pai e estratos do avô paterno e do avô materno) verificados nas comparações inter-ramos no que refere aos estratos 1, 3 e 4 (ver quadros n.ºs 17 e 21), não será excessivamente arriscado afirmar que a própria trajectória de mobilidade ascendente, que marca mais pesadamente sobretudo o estrato 1 nas escolas técnicas, induza uma consolidação dessa mobilidade em termos de uma estratégia de concentração num menor número de herdeiros do capital (económico e cultural) recém-adquirido.

Nos casos dos estratos 3 e 4, podendo jogar, bastante mais em surdina, este mesmo tipo de factores, parece-nos mais relevante acentuar as diferenças internas da composição destes estratos, quando confrontados os ramos.

Dizíamos acima que, nos liceus, a composição destes estratos, ainda que a níveis diferentes, parecia aproximá-los mais do que seria a nova pequena burguesia, enquanto nas escolas técnicas eles seriam mais marcados por elementos pertencentes à pequena burguesia tradicional⁴¹. Ora as próprias condições de existência da nova e da pequena burguesia tradicional implicam, em termos de futuro de classe, sentidos diferentes a imprimir às suas estratégias.

A pequena burguesia tradicional, ameaçada na sua continuidade, se bem que a pouco e pouco possa ir aprendendo a necessidade de reconversão das suas estratégias, ainda dominada pela ideia de herança que a propriedade económica implica, tenderá mais nitidamente a reduzir o número de filhos

³⁹ O caso do estrato 6 não deve, em rigor, ser levado em conta. Já por várias vezes referimos que o número de casos deste estrato nos liceus é tão diminuto que leva a pôr em causa a validade dos valores de cálculo achados para ele.

⁴⁰ Uma reserva também aqui se impõe, dada a pequena dimensão do estrato 1 no conjunto da população inquirida das escolas técnicas.

⁴¹ Ver quadro n.º 3.

e a procurar na escola um mero complemento de aprendizagem, na linha, ainda, do prosseguimento da actividade económica familiar. Não nos esqueçamos que é ela sobretudo que pesa nos estratos 3 e 4 das populações das escolas técnicas inquiridas.

Por seu lado, a nova pequena burguesia, ainda que perspectivando também a mobilidade em termos de redução de filhos (quando comparada com os estratos sociais superiores), sem a preocupação de um capital puramente económico, quantificável, a ter de ser dividido, confiando mais claramente nas potencialidades da escolarização, à qual em parte deve, objectivamente ao menos, as aparências da sua promoção, parece não sofrer tanto de uma imposição drasticamente malthusiana. Ora é esta nova pequena burguesia que pesa sobretudo na composição dos estratos 3 e 4 (sobretudo 3) na população dos liceus⁴².

Quanto ao estrato 5, os valores que obtivemos parecem indicar, na composição inter-ramos, a reprodução da lógica que se impõe à mera escolarização. Se, para estar escolarizado, sendo originário deste estrato, já foi preciso, provavelmente, baixar grandemente as dimensões familiares relativamente a padrões tradicionais⁴³ para estar no liceu, o ser filho único é condição «necessária» para uma enorme percentagem dos alunos deste estrato: 41,3 %.

Em complemento à informação aqui tratada, apresentamos no quadro n.º 30 a composição da população inquirida por número de irmãos, no total e em cada estrato do pai, nos liceus e nas escolas técnicas.

Composição da população observada por número de irmãos, em percentagens, segundo os estratos socioprofissionais dos pais

[QUADRO N.º 30]

Número de irmãos	Ramos e estratos dos pais													
	Liceus							Escolas técnicas						
	Total	1	2	3	4	5	6	Total	1	2	3	4	5	6
	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15
Total	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100
1	45,3	29,4	69,6	38,7	56,3	37	33,3	38,5	60	50	35,7	40,6	36,4	36
2	15,2	29,4	8,7	17,7	10,9	10,9	16,7	13,1	20	—	11,9	14,1	15,2	4
3	6,3	5,9	8,7	3,2	7,8	4,3	33,3	6,9	—	—	11,9	3,1	7,6	8
4-5	5,8	11,8	—	9,7	3,1	4,3	—	7,3	20	25	4,8	6,3	8,3	4
5	3,1	23,5	—	3,2	—	2,2	—	1,5	—	—	—	1,6	2,3	—
Não tem irmãos ..	22	—	8,7	22,6	20,3	41,3	16,7	31,6	—	25	35,7	—	28,8	44
Não responde	2,2	—	4,3	4,8	1,6	—	—	1,1	—	—	—	—	1,5	4

⁴² Sentimos, sem dúvida, uma certa fragilidade nesta argumentação, o que não nos inibe de a avançar. Dada a natureza exploratória do nosso trabalho, pensamos que o arriscar de tais hipóteses se justifica, ficando exactamente como pontos que, em estudos mais aprofundados, deverão ser esclarecidos.

⁴³ Infelizmente não possuímos informações trabalhadas que nos permitam medir de facto esse provável afastamento.

Os valores que reunimos neste quadro confirmam o que dissemos atrás, apresentando apenas uma outra face de abordagem do tema que tratámos.

Chamaremos apenas a atenção para as variações nas proporções de filhos únicos verificadas de estrato para estrato do pai e de ramo para ramo, bem como para o peso maioritário (ainda que variável entre os valores de 69,6 % e 29,4 %) que o número de inquiridos que têm apenas um irmão apresenta em grande parte dos estratos do pai, excepto nos estratos 1, 5 e 6, nos liceus, e 3 e 6, nas escolas técnicas.

2.6.2 Os estratos socioprofissionais dos irmãos

Consideraremos agora o que são as situações dos irmãos, no que respeita aos estratos socioprofissionais a que pertencem, no caso de já exercerem profissões ⁴⁴, e aos níveis de instrução alcançados, nos casos em que já não frequentam qualquer grau de ensino.

Distribuição dos inquiridos com irmãos de estratos 1 a 6 ou que não têm profissão, por estratos socioprofissionais mais elevados dos irmãos, em percentagens, segundo os estratos socioprofissionais dos pais

[QUADRO N.º 31]

Estratos dos pais	Ramos e estratos dos irmãos																
	Liceus								Escolas técnicas								
	Total	1	2	3	4	5	6	Não têm profissão	Total	1	2	3	4	5	9	Não têm profissão	
	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17
Total	100	1,8	—	11,9	3,6	3	—	79,8	100	—	1,6	—	9,9	11	8,8	0,0	68
1	100	11,8	—	—	—	—	—	88,2	100	20	—	—	—	—	—	—	80
2	100	—	—	5	5	—	—	90	100	—	—	—	—	—	—	—	100
3	100	—	—	11,1	6,7	2,2	—	80	100	3,7	—	—	—	—	—	—	77,8
4	100	2	—	12,2	—	—	—	85,7	100	—	—	—	10	12,5	19	—	67,5
5	100	—	—	14,8	7,4	11,1	—	66,7	100	1,1	—	—	9,9	13,2	11	1,1	63,7
6	100	—	—	60	—	20	—	20	100	—	—	—	7,7	15,4	7,7	—	69,2

Um primeiro ponto a reter, quando observamos o que se passa em cada um dos ramos de ensino, refere-se às variações da percentagem de irmãos que não têm profissão ⁴⁵. O quadro n.º 31 mostra-nos essas variações de ramo para ramo e de estrato para estrato. Nos liceus da nossa amostra há uma maior percentagem de inquiridos cujos irmãos não têm profissão (79,8 % nos liceus e 68 % nas escolas técnicas), apesar de as estruturas de

⁴⁴ Retemos apenas o estrato socioprofissional mais elevado registado entre os irmãos (se forem mais de um) de cada inquirido.

⁴⁵ Isto é, aqueles que *ainda* ou *já não* frequentam qualquer grau de ensino e não exercem nenhuma profissão.

idades dos irmãos serem no total de cada ramo muito semelhantes, revelando, pois, que, neste caso, se trata de situações que se diferenciam pelo maior ou menor alongamento dos anos de escolarização alcançados. Em quase todos os estratos, com mais ou menos amplitude, esta diferença inter-ramos se mantém.

Por outro lado, a tendência inter-estratos é, à parte pequenos desvios, para que esta percentagem de irmãos que não exercem profissão desça à medida que o estrato social é mais baixo.

De resto, estes factos encontram apoio na informação relativa às taxas de não frequência de ensino, por grupos etários, em cada ramo e em cada estrato, conforme se verá adiante. Estas taxas tendem a subir à medida que se desce de estrato, sendo, de um modo geral, para o mesmo estrato, mais elevadas no ensino técnico.

No que se refere à distribuição dos estratos socioprofissionais entre os irmãos, a sua estrutura apresenta-se mais favorável nos liceus, conforme pode ver-se no quadro n.º 32.

Distribuição dos inquiridos com irmãos de estratos 1 a 6 por estratos socioprofissionais mais elevados entre os irmãos, em percentagens, segundo os estratos socioprofissionais dos pais

[QUADRO N.º 32]

Estratos dos pais	Ramos e estratos dos irmãos													
	Liceus							Escolas técnicas						
	Total	1	2	3	4	5	6	Total	1	2	3	4	5	6
1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15
Total	100	9,1	—	57,6	18,2	15,2	—	100	5,3	—	29,8	35,1	28,1	1,8
1	100	100	—	—	—	—	—	100	100	—	—	—	—	—
2	100	—	—	50	50	—	—	—	—	—	—	—	—	—
3	100	—	—	55,6	33,3	11,1	—	100	16,7	—	50	16,7	16,7	—
4	100	14,3	—	85,7	—	—	—	100	—	—	30,8	38,5	30,8	—
5	100	—	—	44,4	22,2	33,3	—	100	3	—	27,3	36,4	30,3	3
6	100	—	—	75	—	25	—	100	—	—	25	50	25	—

Irmãos do estrato 1 são 1,7 vezes mais frequentes nos liceus que nas escolas técnicas, enquanto os do estrato 3 o são 1,9. Dos estratos mais baixos (4 e 5), a predominância pertence às escolas técnicas: 1,9 e 1,8 vezes superiores, respectivamente.

Estrato a estrato do pai e deixando de lado os casos dos estratos 2 e 6 ⁴⁶, verificamos que o estrato do pai 1 se caracteriza pelo facto de em ambos os ramos só apresentar irmãos do estrato mais elevado, o que leva a pensar ⁴⁷ que ser-se filho de pai do estrato 1 e encontrar-se escolarizado no ensino técnico é uma situação excepcional em termos de destino de classe.

⁴⁶ Pelas razões apontadas, decorrentes da própria dimensão das amostras,

⁴⁷ De acordo com a mesma tendência verificada já noutros indicadores.

Quanto aos estratos do pai 3, 4 e 5, pode dizer-se que a situação dos irmãos tenderá a ser mais favorável nos liceus, não se verificando, no entanto, uma estrita regularidade. Por exemplo, os inquiridos filhos de pais do estrato 3, se apresentam nos liceus percentagens mais elevadas de irmãos de estrato 3 e 4, não apresentam nenhum caso de irmão de estrato 1, enquanto nas escolas técnicas 16,7 % dos irmãos estão nessa situação. Já os inquiridos cujos pais são do estrato 4 apresentam, sem desvios, melhores condições nos liceus. Por outro lado, a situação dos alunos com pais do estrato 5 é, tal como a do 3, mista, conforme pode ler-se no quadro em referência.

Apenas num estudo futuro esta linha tendencial poderá ser testada. Só assim se poderá definir com mais segurança o significado social da presença, por um lado, de elementos dos estratos sociais mais elevados na via menor da escolarização secundária e, por outro, de elementos dos estratos mais baixos na via nobre do liceu.

A nossa hipótese é que, neste último caso, se trata de condições sociais específicas, isto é, de circunstâncias que fogem à mais «estrita» concretização dos elementos que definem a condição de classe, no que se refere ao problema que nos ocupa (nível de instrução dos pais, número de irmãos, estrato e nível de instrução destes, residência em áreas rurais ou urbanas, etc.), para os estratos mais baixos, que justificarão a existência deste fluxo de «miraculados»⁴⁸.

2.6.3 *As habilitações literárias dos irmãos*

Vejamus agora o que se passa quanto aos níveis de instrução dos irmãos dos inquiridos.

Começaremos por analisar as variações existentes nas percentagens de irmãos que não frequentam o sistema escolar, conforme constam do quadro n.º 33⁴⁹.

Vemos que, nos liceus da amostra, a taxa global dos que ainda não frequentam ou já não frequentam o sistema escolar é inferior à homóloga das escolas técnicas: 19,1 % e 35,5 %, respectivamente. Estrato a estrato do pai, esta diferença entre ramos tende a reproduzir-se. No interior de cada ramo, por sua vez, a taxa tende a aumentar à medida que se desce de estrato.

No mesmo quadro podem ver-se desagregadas estas taxas globais de não frequência, distinguindo assim a taxa de «ainda não frequenta», isto é, o conjunto de irmãos que, pela idade (3-6 anos) que têm, podiam ou deviam já frequentar algum ensino e ainda o não fazem. Também neste caso, as taxas totais de cada ramo mantêm o sentido da diferença assinalada (isto é, a das escolas técnicas é superior à dos liceus): estrato a estrato do pai, com alguma irregularidade (sobretudo no estrato 1, onde, apesar de tudo, não podemos deixar de ter em conta a aleatoriedade provocada pelo escasso número de casos), verifica-se a mesma tendência.

⁴⁸ Dizer isto não significa deixar de lado factores de natureza estrutural que, ao longo da história da formação social, vão definindo condições diferenciadas no que respeita ao estado das relações entre o sistema escolar e o sistema das relações entre as classes e estratos sociais, as quais proporcionarão um maior ou menor fechamento de escolarização global.

⁴⁹ O universo sobre o qual os cálculos foram efectuados é, não o dos inquiridos, mas o dos irmãos, ou seja, 320 indivíduos nos liceus e 341 nas escolas técnicas.

Composição da população constituída pelos irmãos dos inquiridos por situações em relação ao sistema escolar (frequência ou não), em percentagens , segundo os estratos socioprofissionais dos pais

[QUADRO N.º 33]

Idades e situações dos irmãos	Ramos e estratos dos pais													
	Liceus							Escolas técnicas						
	Total	1	2	3	4	5	6	Total	1	2	3	4	5	6
1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15
Total dos irmãos ...	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100
Irmãos com menos de 3 anos ...	4,4	3,6	7,7	4,2	6,8	—	10	4,4	—	—	2	4,1	4,9	9,5
Irmãos com 3 ou mais anos de idade:														
Ainda não frequentam ...	3,4	1,8	—	3,2	4,1	8,2	—	7,3	—	—	4	4,1	10,4	4,8
Frequentam ...	71,9	81,8	80,8	77,7	71,6	59,2	40	57,2	66,7	100	72	58,9	52,5	52,4
Já não frequentam ...	15,7	3,7	11,5	11,7	17,5	30,6	50	28,2	11,1	—	20	30,2	30,6	28,5
Não responde ...	4,4	9,1	—	2,1	—	2	—	2,6	22,2	—	—	2,7	1,6	4,8
Outros casos ...	0,2	—	—	1,1	—	—	—	0,3	—	—	2	—	—	—

Percentagens da população constituída pelos irmãos dos inquiridos nas situações indicadas, em relação ao sistema escolar (frequência ou não), no total dos grupos etários mencionados, segundo os estratos socioprofissionais dos pais

[QUADRO N.º 34]

Situação dos irmãos nos grupos etários	Ramos e estratos dos pais													
	Liceus							Escolas técnicas						
	Total	1	2	3	4	5	6	Total	1	2	3	4	5	6
1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15
Frequentam, entre 3-5 anos	35,7	50	100	66,7	—	—	—	16	100	—	33,3	50	—	—
Não frequentam, entre 6-10 anos	4,8	9,1	—	10	—	—	—	4,5	—	—	—	7,7	5,4	—
Não frequentam, entre 11-13 anos	2,2	—	—	5,9	—	—	—	1,9	—	—	—	—	3,7	—
Não frequentam, entre 14-16 anos	2	—	—	—	—	—	100	16,3	—	—	—	16,7	27,3	—
Não frequentam, entre 17-19 anos	9,1	—	11,1	7,7	7,7	28,6	—	41,7	—	—	25	36,4	54,5	25
Não frequentam, entre 20-21 anos	35,7	—	—	28,6	62,5	100	—	66,7	—	—	50	100	58,8	50
Frequentam, com 22 ou mais anos	13,5	22,2	—	30,8	12,5	—	—	7,7	—	—	14,3	—	9,1	—

Mais significativas se nos apresentam, no entanto, as variações, quando ventiladas por grupos etários, como se apresenta no quadro n.º 34, neutralizando assim os efeitos que poderiam provir de estruturas etárias muito desiguais, o que, aliás, não sucede.

Assim, no que respeita à frequência do ensino infantil entre os irmãos de 3 a 5 anos, a taxa observada nos liceus é mais de duas vezes superior, ainda que, estrato a estrato do pai, se não possa assinalar uma perfeita regularidade nesta relação.

Nos irmãos dos grupos etários de 6 a 10 e de 11 a 13 anos, as taxas de não frequência são irrelevantes em ambos os ramos, o que pode levar-nos a considerar, com apoio nestas informações, que, nas idades abrangidas pela escolaridade obrigatória, a escolarização é praticamente total em todos os estratos, desde que se trate de famílias (nos estratos mais baixos) que têm, pelo menos, um filho escolarizado já a nível secundário, onde, portanto, uma das barreiras postas à continuidade de estudos foi, ainda que só num caso, vencida. Dizer isto não significa, é claro, que a escolarização se faça, para todos, nas melhores condições. A título meramente indicativo, digamos que nos liceus, dentre os irmãos de 11 a 13 anos, só 4,3 % frequentam ainda o ensino primário, enquanto tal taxa sobe a 17,3 % nas escolas técnicas.

A partir do grupo etário de 14 a 16 anos começam a aparecer diferenças apreciáveis entre os dois ramos. Neste grupo, a taxa de não frequência é, no ensino técnico, 8 vezes superior à verificada nos liceus, onde se mantém ainda a um nível irrelevante: 16,3 % e 2 %, respectivamente. Nas escolas técnicas são os estratos 4 e 5 do pai que contribuem para essa taxa, com valores, respectivamente, de 16,7 % e 27,3 %.

Dentre os irmãos de 17 a 19 anos, nos liceus, verifica-se a taxa global, ainda baixa, de 9,1 %, com o mais elevado valor de estrato no estrato do pai 5, de 28,6 %, enquanto, no conjunto das escolas técnicas, a percentagem dos que já não frequentam nestas idades se aproxima da metade: 41,7 %. Neste ramo de ensino, o valor de estrato, sendo nulo para o estrato 1, cresce fortemente do estrato 3 ao estrato 5: 25 %, 36,4 %, 54,5 %, respectivamente.

Mesmo nos grupos de 20 e 21 anos e de 22 e mais anos subsistem diferenças. Para o primeiro destes grupos, nas escolas técnicas, a percentagem dos que já não frequentam ainda é quase 2 vezes superior à dos liceus: 66,7 % e 35,7 %, respectivamente. Para o estrato do pai 1, tal como até aqui e em ambos os ramos, esta taxa continua a ser nula, isto é, todos os irmãos continuam inseridos no sistema escolar. Nos liceus, as percentagens sobem regularmente do estrato 3 ao estrato 5, enquanto nas escolas técnicas se verifica uma certa irregularidade. Finalmente, para o conjunto de irmãos de 22 e mais anos pode-se assinalar que, embora em ambos os ramos a maioria já não frequente qualquer ensino, os que ainda se encontram no sistema escolar são, mesmo assim, quase o dobro nos liceus: 13,5 % para 7,7 % nas escolas técnicas.

Mais uma vez, a informação obtida nos confirma na ideia de melhores condições globais na população dos liceus quando comparadas com as do ensino técnico, melhores condições veiculadas não só pelas diferenças de origem social, que se apresentam mais favoráveis nos liceus do que nas escolas técnicas, como também pelas condições específicas de melhoria de condições socioculturais que nos liceus parecem apresentar os estratos mais baixos, quando comparados com os seus homólogos no ensino técnico.

Não iremos ver aqui mais pormenorizadamente como as diferenças observadas em termos de «níveis de escolarização» por idades dos irmãos e estrato do pai se acentuam, quando analisamos a distribuição dos irmãos que frequentam o sistema escolar pelos vários graus de ensino, no interior de cada grupo etário. Digamos apenas, como já acima foi indicado, que, na generalidade, as condições de escolarização («avanço ou atraso» nos estudos em função das idades «normais», via de escolarização, etc.) são igualmente mais positivas nos liceus.

Neste momento iremos considerar apenas o panorama dos resultados de escolarização efectiva, observando a distribuição por graus de ensino obtidos pelos irmãos que já não frequentam qualquer grau de ensino, conforme os ramos de ensino dos inquiridos, de acordo com o quadro n.º 35.

Que a escolarização foi nula ou mais breve para um maior número de irmãos de inquiridos das escolas técnicas vê-se bem se compararmos as percentagens alcançadas pelos que ficaram sem instrução — 4,2 % para 0 % nos liceus — e por aqueles que possuem apenas a 4.ª classe: 32,3 % nas escolas técnicas e 12 % nos liceus. No outro extremo do percurso escolar é significativo que nos liceus se verifique que 2 % frequentaram um curso superior, sem o ter concluído, para 0 % no ensino técnico, e que 8 % possuam um curso superior para apenas 4,2 % nas escolas técnicas⁵⁰.

Por outro lado, a diferença (para mais) de volume relativo dos que possuem ou o curso geral ou o curso complementar (ou equivalentes) do ensino secundário nos ramos liceal e técnico — 64 % nos liceus e 43,8 % nas escolas técnicas — nem de longe chega a ser compensada pelas percentagens dos que atingiram o nível do actual ciclo preparatório (ou equivalente) — 14 % e 15,6 %, respectivamente.

Dado que algumas referências ao nível de instrução secundária obtido pelos irmãos não permitem a distinção de grau nem de ramo — caso que é muito mais frequente nos liceus (24 %) que nas escolas técnicas (7,3 %) ⁵¹ —, as diferenças verificadas nos valores alcançados em função do grau (curso geral ou curso complementar) só indicativamente devem ser utilizadas. Mesmo assim, o total de casos de cursos complementares (liceal e técnico) nos liceus atinge 12 % para apenas 6,3 % nas escolas técnicas. Ao nível dos cursos gerais, é de salientar a maior proximidade dos valores percentuais, bem como o facto de os cursos gerais do ensino técnico serem níveis de instrução alcançados pelos irmãos dos inquiridos do mesmo ensino numa proporção que é o dobro da verificada entre os irmãos dos alunos dos liceus.

⁵⁰ A quem se surpreenda com uma tão baixa percentagem de irmãos com curso superior nos liceus lembramos que estes números se referem ao total de irmãos que já não frequentam o sistema escolar, independentemente da idade e do estrato socioprofissional de origem. Como pode ver-se no mesmo quadro, para os irmãos dos inquiridos de estrato do pai 1 essa percentagem é de 100 %, isto é, os irmãos que já não frequentam possuem todos um curso superior. Comparem-se os valores homólogos nos outros estratos.

⁵¹ Indefinição que, parece-nos, deve cobrir muito mais casos de frequência de liceu do que de escolas técnicas, dado que a utilização elíptica de «tem o 5.º ano», «tem o 7.º ano», é extremamente corrente para designar os cursos dos liceus, ao contrário do que se passa no que se refere aos cursos do ensino técnico. Claro que da elisão pode ter sido sobretudo feito uso pelos que frequentam o ramo de ensino que pretendem referir. Em conclusão, diríamos que os 24 % de referências incompletas que achámos nos liceus deverão conter, na sua maior parte, casos de ensino liceal. Admitimos que os 7,3 % verificados nas escolas técnicas refiram, reciprocamente, casos de ensino técnico.

Composição da população constituída por irmãos dos inquiridos que já não frequentam o sistema escolar por habilitações literárias que obtiveram, em percentagens, segundo os estratos socioprofissionais dos pais

[QUADRO N.º 35]

Habilitações literárias dos irmãos	Ramos e estratos dos pais													
	Liceus							Escolas técnicas						
	Total	1	2	3	4	5	6	Total	1	2	3	4	5	6
1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15
Total	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100
Sem instrução	—	—	—	—	—	—	—	4,2	—	—	—	4,5	5,4	—
Instrução primária	12	—	—	18,2	7,7	13,3	20	32,3	—	—	—	18,2	46,4	16,7
Ciclo preparatório (completo ou incompleto) ou equivalente	14	—	—	—	15,4	26,7	20	15,6	—	—	10	18,2	12,5	50
Total do ensino secundário	64	—	100	81,8	61,5	53,3	60	43,8	—	—	70	59,1	33,9	33,3
Total do ensino liceal	20	—	33,3	9,1	23,1	20	20	10,4	—	—	20	22,7	5,4	—
Curso geral do liceu ou equivalente ...	10	—	33,3	—	23,1	6,7	—	5,2	—	—	—	18,2	1,8	—
Curso complementar do liceu ou equivalente	8	—	—	9,1	—	13,3	20	4,2	—	—	20	4,5	1,8	—
Ensino liceal, não especificado	2	—	—	—	—	—	—	1	—	—	—	—	1,8	—
Total do ensino técnico	20	—	33,3	27,3	15,4	20	20	26	—	—	30	27,3	23,2	33,3
Curso geral das escolas técnicas ou equivalente	12	—	33,3	18,2	7,7	6,7	20	24	—	—	30	27,3	19,6	33,3
Curso complementar das escolas técnicas ou equivalente	4	—	—	9,1	—	6,7	—	2,1	—	—	—	—	3,6	—
Ensino técnico não especificado	4	—	—	—	7,7	6,7	—	—	—	—	—	—	—	—
Ensino secundário não especificado ...	24	—	33,3	45,5	23,1	13,3	20	7,3	—	—	20	9,1	5,4	—
Ensino superior incompleto	2	—	—	—	—	6,7	—	—	—	—	—	—	—	—
Ensino superior completo	8	100	—	—	15,4	—	—	4,2	100	—	20	—	1,8	—

Quanto à distribuição por ramos de ensino frequentados pelos irmãos, se ela nos parece razoável nas escolas técnicas — 26 % no ensino técnico e 10,4 % no ensino liceal, no total global e, ainda mais acentuado (como é de esperar), no estrato 5 —, manifestando o perfil de um destino de classe que se confirma sobretudo para os estratos mais baixos, julgamos, no caso dos liceus, as percentagens iguais de 20 % fracamente distorcidas. Tendo em conta o que é dito na nota 51, se adicionássemos a percentagem dos casos de referência incompleta a ensino secundário («ensino secundário não especificado», no quadro) aos casos de ensino liceal, cremos que a relação esperada se delinearía: 44 % de ensino liceal para 20 % de ensino técnico frequentado.

Comparando os estratos no mesmo ramo e inter-ramos, encontramos elementos que reforçam a persepctiva geral de contraste entre as duas vias de ensino que temos vindo a acentuar.

Assim, os irmãos de inquiridos filhos de pais do estrato 1 que já não frequentam ensino completaram todos, em ambos os ramos, um curso superior, cumprindo assim o destino escolar próprio da sua origem social.

Quanto aos irmãos originários dos estratos 3, 4 e 5, genericamente, apresentam melhores níveis de instrução no liceu do que nas escolas técnicas. Por exemplo, enquanto nas escolas técnicas há, ainda que em escassa proporção, irmãos filhos de pais de estratos 4 e 5 que não chegaram a obter qualquer diploma (4,5 % e 5,4 % respectivamente), tal não se verifica nos liceus. Por outro lado, os irmãos com pais do estrato 5 que só possuem o ensino primário são 3,5 vezes mais frequentes nas escolas técnicas que nos liceus, os do estrato 4 um pouco mais do dobro, enquanto os do estrato 3, fugindo à regra, apresentam uma percentagem de 18,2 % nos liceus contra 0 % nas escolas técnicas. Por outro lado, no extremo oposto, isto é, no grau de ensino superior (completo ou incompleto), verifica-se uma certa irregularidade que pode manifestar que, para estes estratos, o chegar ao término do percurso escolar é, de facto, um destino excepcional ou pouco frequente.

É no ensino secundário que as regularidades esperadas mais claramente aparecem. As percentagens totais de ensino secundário frequentado (curso geral e curso complementar, liceal e técnico ou equivalentes) decrescem à medida que se desce de estrato do pai (exceptuando os casos de estrato 1) no interior de cada ramo, bem como são sempre inferiores (para o mesmo estrato) no ensino técnico.

É de notar que o volume relativo dos casos de referência incompleta ao ensino secundário é mais elevado nos liceus, como já anotámos, mas sobretudo no estrato 3: 45,5 %. Este facto impede-nos de apreciar devidamente as variações existentes, entre os estratos e entre os ramos, no que se refere aos graus de ensino obtidos e aos ramos frequentados.

Tomemos apenas o caso do estrato 5, por ser aquele em que essas percentagens, em ambos os ramos, são mais baixas, pondo nós também a hipótese de se tratar de um estrato cuja relação ao sistema de ensino favorecerá menos, entre os seus membros, a disposição para a referência elíptica ao ensino secundário corresponder à expressão «ensino liceal» (não é essa para eles, se estão escolarizados, a via «normal»...).

Aqui, tudo o que pode ser considerado como indicador de melhores condições culturais se apresenta mais intensamente nos irmãos dos inquiridos dos liceus: percentagem total de ensino secundário e volume relativo de

curso complementar de ensino liceal. Enquanto, nos liceus, os irmãos filhos de pais do estrato 5 apresentam um valor de 53,3 % na obtenção de graus do ensino secundário, nas escolas ele sobe só até 33,9 %. O total de curso complementar é nos liceus (20 % do total dos níveis de instrução obtidos) 3,7 vezes superior ao das escolas técnicas (5,4 %). A frequência conjunta do liceu é de 20 % para os irmãos dos inquiridos dos liceus, enquanto para os das escolas técnicas é apenas de 5,4 %.

Por outro lado, enquanto a percentagem mais elevada no interior do estrato do pai 5 nos liceus é a do nível de instrução igual ou equivalente ao ciclo preparatório (26,7 %), nas escolas técnicas é a instrução primária, e bastante mais elevada (46,4 %), e a seguir vem a relativa ao curso geral do ensino técnico (19,6 %), mostrando, de alguma forma, que é este, para os que vão além da escolaridade obrigatória, o horizonte escolar mais provável.

Os inquiridos filhos de pais do estrato 5 nos liceus, ainda que, relativamente aos estratos mais elevados, mostrem, através dos níveis de instrução dos seus irmãos, que a sua presença na via mais nobre do ensino secundário não é a mais provável em termos do destino escolar próprio da sua classe, poderão, mesmo assim, se o nível cultural dos seus irmãos for comparado com o dos seus homólogos do ensino técnico, dever, em parte, a esse relativo privilégio cultural (somado ao que também se revela ao analisar os níveis de instrução dos ascendentes), configurando-se em condições socio-culturais específicas, relativamente às do seu estrato social de origem, o achar-se, dentro do sistema escolar, nessa situação «excepcional».

2.7 OS PARENTES COM CURSO MÉDIO OU SUPERIOR

Concluimos esta análise comparada das populações discentes observadas dos liceus e das escolas técnicas com uma breve nota sobre as informações recolhidas a respeito do número de outros parentes, além dos pais, avôs e irmãos, que os inquiridos conheciam nas suas famílias tendo como habilitações literárias cursos completos do (antigo) ensino médio ou do ensino superior.

Apesar de a maior parte dos inquiridos, em qualquer dos ramos de ensino, mas principalmente nas escolas técnicas, não conhecerem a existência de nenhum parente nas condições indicadas ou não ter respondido a esta pergunta, os elementos obtidos parecem-nos de algum interesse, e por isso os apresentamos. Esclareça-se que os parentes a que os inquiridos se referem são tios, primos e padrinhos, tendo sido incluídos estes últimos dadas as características da estrutura familiar em Portugal e o papel social relevante que nela lhes compete.

Com este indicador pretende-se caracterizar melhor o contexto socio-cultural familiar de origem dos inquiridos e verificar a sua incidência na distribuição pelos dois ramos de ensino que temos vindo a confrontar.

A composição das populações observadas em cada ramo de ensino segundo o número de parentes com curso médio ou superior está apresentada no quadro n.º 36, em percentagens, conforme o estrato socioprofissional do pai.

Os primeiros valores para que chamaremos a atenção, neste quadro, são os que constam das últimas duas linhas, ou seja, os que se apuraram nas respostas em que os inquiridos manifestaram que não tinham nenhum parente, além dos pais, avôs e irmãos, que possuísse um curso médio ou

Composição da população observada pelo número de parentes, com curso médio ou superior, em percentagens, segundo o estrato socioprofissional do pai

[QUADRO N.º 36]

Número de parentes	Ramos e estratos dos pais															
	Liceus								Escolas técnicas							
	Total	1	2	3	4	5	6	Não sabe ou não responde	Total	1	2	3	4	5	6	Não sabe ou não responde
1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17
Total	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100
1	14,8	11,8	17,4	14,5	15,6	15,2	—	20	16,3	—	25	28,6	23,4	11,4	8	—
2	9,9	5,9	13	16,1	6,2	4,3	—	40	9,8	—	—	9,5	10,9	9,8	12	—
3-5	14,8	52,9	13	14,5	12,5	8,7	—	—	6,6	60	25	14,3	4,7	3	4	—
5	6,3	17,6	17,4	6,5	1,6	2,2	—	20	—	—	—	—	—	—	—	—
Não tem ou não sabe	40,8	11,8	34,8	33,9	51,6	52,2	33,3	20	60,7	40	50	45,2	56,3	66,7	68	100
Não responde	13,5	—	4,4	14,5	12,5	17,4	66,7	—	6,6	—	—	2,4	4,7	9,1	8	—

superior, ou não sabiam da sua existência, e os respeitantes aos inquiridos que não responderam.

A percentagem dos inquiridos que não responderam é sensivelmente o dobro nos liceus (13,5 %) em relação ao valor registado nas escolas técnicas (6,6 %). Na nossa opinião, poderá pôr-se a hipótese de a falta de resposta à pergunta formulada significar que o inquirido não tem parentes nas condições indicadas e não quer indicar expressamente este facto, sendo este efeito de ocultação mais importante nos alunos dos liceus e tendendo a aumentar à medida que se desce de estrato sociocultural do pai. Assim sendo, fará sentido somar os valores das duas linhas indicadas, obtendo-se a percentagem dos inquiridos que, muito provavelmente, não conhecem entre os parentes citados pessoas com habilitações literárias dos ensinos médio ou superior, isto é, habilitações superiores às do ensino secundário. Verifica-se que estes valores são maiores nas escolas técnicas do que nos liceus, que sobem à medida que se desce no estrato socioprofissional do pai e que, comparando estrato a estrato do pai nos dois ramos de ensino, os valores da escola técnica são superiores, principalmente nos dois primeiros estratos do pai.

Os valores observados na distribuição pelo número de parentes apresentam-se relativamente próximos nos dois ramos se somarmos as percentagens de inquiridos que indicaram um ou dois parentes com curso médio ou superior, rondando cerca de um quarto dos inquiridos nos dois ramos.

As diferenças entre os liceus e as escolas técnicas tornam-se mais nítidas ao compararmos as percentagens de inquiridos que indicaram três ou mais parentes nas condições requeridas: 21,1 % nos liceus e 6,6 % nas escolas técnicas. Aliás, nenhum inquirido das escolas técnicas indicou mais de cinco parentes com curso médio ou superior, ao passo que isso se verificou com 6,3 % dos inquiridos nos liceus. A série destes valores mostra que são claramente superiores nos liceus, não só no total do ramo, mas também comparando estrato a estrato do pai, excluindo o estrato 6; dentro de cada ramo, os valores decrescem muito acentuadamente à medida que se passa do estrato socioprofissional 1 para o estrato 6 do pai.

As informações recolhidas no nosso inquérito sobre a questão em referência condizem com o que temos vindo a apresentar ao tratarmos as diversas variáveis que se utilizaram para caracterizar as duas populações observadas, isto é, que as duas populações se diferenciam e que os alunos dos liceus são originários de famílias que apresentam condições socioculturais superiores às dos alunos das escolas técnicas.

2.8 CONCLUSÃO

Tentámos caracterizar as populações que observámos de alunos que frequentavam três liceus e cinco escolas técnicas, no fim do ano lectivo de 1974-75, em Lisboa, Vila Franca de Xira e Torres Vedras, as quais constituem uma amostra não representativa, em termos estatísticos, da população discente do ensino secundário das localidades indicadas nem, muito menos, do País.

A caracterização social dos alunos dos dois ramos de ensino mereceu-nos um certo pormenor e justificou que, só ela, servisse de objecto à primeira parte do estudo global a que procedemos. De facto, a questão era importante, tratava-se de provar se era ou não significativa a diferença de com-

posição social das duas populações, de modo que, no tratamento das questões que se seguirão, mais ligadas à inserção dos alunos na escola, à sua carreira escolar e às expectativas de prosseguimento de estudos, se pudesse dispor com segurança do «ramo de ensino» como variável independente, como constava das nossas hipóteses de trabalho.

A análise a que procedemos permite-nos concluir que há diferenças significativas no que respeita à origem social entre os alunos dos liceus e das escolas técnicas que responderam ao nosso inquérito, provindo os alunos dos liceus de estratos sociais que reúnem características socioeconómicas e culturais superiores às dos alunos das escolas técnicas, de acordo com os padrões socialmente relevantes. A comparação das duas populações perante cada um dos indicadores utilizados é suficientemente significativa, como se pôde observar ao longo do trabalho.

O facto de não dispormos de termo de comparação afastado no tempo impede-nos de situar os factos observados no contexto de um processo social que seria importante conhecer melhor, como contributo para um maior conhecimento da realidade social portuguesa, designadamente dos seus processos de mudança.

Fica-nos, apesar do carácter exploratório do nosso estudo e das características da amostra observada, e apesar de não nos podermos apoiar numa análise diacrónica, a possibilidade de propor um esboço de uma hipótese de trabalho sobre a origem social dos estudantes dos liceus e das escolas técnicas em Portugal.

O liceu e a escola técnica eram, à data do inquérito, duas escolas diferentes do ensino secundário, distinguindo-se, entre outros aspectos, pelo facto de os seus alunos terem origens sociais diferentes: os alunos originários dos estratos socioprofissionais dispoñdo de posições profissionais mais prestigiadas, de maiores rendimentos e de maior poder concentravam-se nos liceus (em trânsito para a Universidade); os alunos originários dos estratos socioprofissionais ligados aos sectores mais modernos dos serviços e da indústria, em posições de chefia intermédia, os quadros, e trabalhadores qualificados, onde já se verificou um processo de aprendizagem formal com habilitações do ensino secundário ou superior, especialmente com frequência do ensino liceal, tendiam a concentrar-se nos liceus; os alunos originários de estratos socioprofissionais ligados aos serviços e à indústria ocupando níveis baixos de responsabilidade ou posições mais tradicionais de nível médio ou baixo nas hierarquias profissionais, onde predominam qualificações provenientes de aprendizagem não formal, ou de nível de instrução primária, e ao pessoal especializado de todos os sectores tendiam a concentrar-se na escola técnica; os alunos originários dos estratos socioprofissionais menos qualificados, de menores rendimentos, dependendo fundamentalmente do trabalho indiferenciado que prestam a outrem, concentravam-se predominantemente na escola técnica. O liceu aparecia como a escola mais prestigiada; à data do inquérito, o acesso ao liceu pelos estratos socioprofissionais que ainda tendiam a ir para a escola técnica era tanto mais desejado e tentado por esses estratos quanto mais aumentavam as suas disponibilidade de investimento num processo de aprendizagem mais longo e de rendibilidade a maior prazo do que o da escola técnica (com saídas mais rápidas e directas para o mercado de trabalho).